

Pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz

Ficção e não ficção

2023

ANTOLOGIA

Pós-graduação Formação de Escritores

2023

Alessandra Effori
Anna Clara de Vitto
Arlete Mendes
Branca Lescher
Bruna Waitman
Caio Zerbini
Camila Martins
Dri Kimura
Flávia Braz
Gabriel Cruz Lima
Helô Reinert
Isabela Moreira
Julia Santalucia
Keichi Maruyama
Leopoldo Cavalcante
Letícia Cintra do Amaral
Luiza Lorenzetti
Sylvia Mello
Tatiana Heide



Direção Geral

Heitor Fecarotta

Direção de Gestão

Marcelo Chulam

Direção Pedagógica

Regina Scarpa

Coordenação do Instituto Vera Cruz

Andréa Luize

Coordenação da pós-graduação

Formação de Escritores

Márcia Fortunato

Roberto Taddei



Edição final

Claudia Cavalcanti

Projeto gráfico

Kiki Millan

Revisão

Iara Arakaki

São Paulo, 2024

Antologia 2023: Pós-graduação Formação de Escritores.
– São Paulo: Instituto Vera Cruz, 2024.
160 p.

Vários autores.

Coletânea de textos de ficção e não ficção dos alunos
da turma 2021 da pós-graduação Formação de Escrito-
res do Instituto Vera Cruz.

1. Literatura brasileira. 2. Coletâneas. 3. Produção
literária. I. Instituto Vera Cruz.

CDD: 869.93

Elaboração: Claudia Regina Candido – CRB 8/4822

Os direitos autorais dos textos publicados pertencem a seus respectivos autores. Esta é uma edição do curso de pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, e não tem fins comerciais.

Aos diretores do Instituto Vera Cruz, Heitor Fecarotta, Marcelo Chulam e Regina Scarpa, nosso reconhecimento pelo apoio ao programa de pós-graduação Formação de Escritores e pelo incentivo à publicação desta *Antologia*.

Sumário

Apresentação	7
Não dito [Flávia Braz]	9
A sombra do rei [Leopoldo Cavalcante]	19
Olinda [Letícia Cintra do Amaral].....	27
Ossário para Elisa [Anna Clara de Vitto]	35
Domingo aberto [Gabriel Cruz Lima]	39
Assadura [Alessandra Effori]	49
Oócitos [Tatiana Heide]	57
A intérprete [Dri Kimura]	69
O livro verde [Branca Lescher]	79
Solidez [Luiza Lorenzetti]	83
Almoço executivo [Camila Martins]	89
Menu degustação [Keichi Maruyama]	97

Seis mulheres [Sylvia Mello]	105
Grão [Arlete Mendes]	111
A sociedade secreta das Teresinhas [Isabela Moreira]	119
Um detalhe muito especial [Helô Reinert]	127
Cara de terapia [Julia Santalucia].....	135
1958 [Bruna Waitman]	143
A professora de matemática [Caio Zerbini]	151

Apresentação

Escrever é tarefa urgente. Talvez sempre tenha sido, desde os primórdios da tecnologia. Mas, em nossos tempos, a escrita assume caráter ainda mais relevante. É por meio dela, e talvez apenas por meio dela, que atingimos e conquistamos um tipo de pensamento que nos foge quando falamos, conversamos e discutimos. O texto literário, além disso, é capaz de engendrar muitas vozes e perspectivas, o que pode produzir ideias mais complexas do que seus autores seriam capazes de defender de outro modo que não pela literatura.

Os ventos atuais sugerem que vivemos um momento de ebulição em que valores éticos, políticos e sociais são questionados. Estes tempos insistem em repetir velhas histórias de doenças e nos assombram com a onipresença da guerra entre nações e entre povos. Como uma aurora inescapável, o aquecimento climático do planeta nos coloca em contato com uma experiência cíclica geológica, muito anterior à história da civilização humana.

Escrever certamente não garantirá a salvação pessoal no contexto global. Pode, sim, nos livrar de alguns problemas, mas há de oferecer outros, de que somente a continuidade da escrita nos livrará, e assim sucessivamente.

Em meio a essas dúvidas, emergências, inseguranças; questionamentos que fazemos cotidianamente, a escrita nos

coloca em movimento. Um movimento às vezes mais intenso e significativo do que aquele que podemos experimentar nos centros urbanos dominados pelo fluxo de capital.

A reunião, neste livro, de vinte textos de vinte autores e autoras muito distintos em estilo, formação individual e relações com a leitura e a escrita faz acreditar que este é o espaço certo para ocupar. Há, aqui, um recorte da diversidade, da potência e da esperança que nos marcam.

Esta coletânea de textos, produzidos ao longo dos últimos dois anos da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz, prenuncia que seus autores e autoras seguirão, por muitos anos, produzindo os textos que se farão importantes para nós, leitores que somos dos contemporâneos.

Márcia Fortunato e Roberto Taddei

Não dito

Flávia Braz

ficção •

Mas me conte, Soraia, o que te trouxe até aqui?, me perguntou dobrando as mãozinhas sobre os joelhos.

(O Jardim Helena-Terminal São Mateus, porque a vaca da minha chefe me mandou pegar uma encomenda na puta que o pariu e eu cheguei a encontrar dois índios no caminho, mas não tinha um táxi sequer.)

Ando muito angustiada.

Fale mais sobre isso.

(Será que foi na faculdade que convenceram essa mulher a empurrar os óculos e arquear as sobrancelhas numa tentativa de parecer mais inteligente? Eu acho ela bem inteligente, o que claramente não se aplica a mim, que vou sair daqui

angustiada e com duzentos e cinquenta reais a menos na conta. E esse quadro horroroso na parede? São cavalos?)

Ando sem muita vontade de fazer as coisas e aí tem a questão da culpa também, né?, porque, bem ou mal, tenho um emprego que paga as minhas contas. Quer dizer, paga algumas das minhas contas, porque tá tudo tão caro que me sinto assaltada o tempo todo.

Você passou por algum episódio traumático nos últimos meses?

(Não sei se falo pra ela do aumento da gasolina, da guerra na Ucrânia, do presidente ou do chá revelação da Catarina, porque poucas coisas foram mais traumáticas do que ter de assistir a um cachorro desfilando por quinze minutos enrolado numa fita azul por um salão de festas para decretar o que eu não tinha nenhuma curiosidade de saber: é menino.)

Ah, traumático mesmo tem sido viver no Brasil, né? (Risos.)

(Vai ficar aí me olhando, travada na mesma posição? Nem um tremorzinho no queixo, umas gotículas de suor no buço. Nada. Tá respirando? É videoconferência essa porra?)

O que eu sinto é um tédio irremediável e profundo de tudo que vivo.

Certo.

(Se tivesse certo eu não estaria aqui, plantada na frente de uma escultura do Museu de Cera, olhando para essa tinta a óleo, foi sua mãe que pintou essa merda?, e tentando tatear esse terreno inóspito, solitário e perverso que é dividir o planeta com pessoas como o Nelson, meu vizinho de porta, acumulador e fã de pizza de alcachofra.)

É isso. Uma falta de vontade constante de fazer as coisas, falar com as pessoas.

E o que te move?

(Não te falei do ônibus logo que cheguei aqui? A gente não encontra mais carro de aplicativo nessa aldeia que a gente chama de cidade, e com o salário que ganho e o preço desta sessão vou ter que começar a me mover a pé. Não tem café neste lugar? Eu falei pra Júlia que isso não tinha cabimento, que insensatez, eu fazendo terapia...)

Como assim, me move?

É. O que te estimula?

(Cafeína, mulherzinha arrogante. Ca-fe-í-na. Meu humor melhora e minha vontade de atropelar pessoas como o Nel-

son se reduzem bastante. Mas o que eu gosto mesmo é de dar corda pra gente presunçosa.)

Ah, sei lá, eu adoro o Nelson, meu vizinho. Um sujeito que a gente tem vontade de ter por perto, sabe?

Humm. Fale mais sobre sua relação com o Nelson.

(Ele usa uma calça de moletom cinza que tá colada no corpo dele desde que o real era pareado com o dólar. Sei disso, porque ele já contou umas setenta vezes que comprou a calça num outlet na Disney enquanto aproveitava para me oferecer um pedaço de pizza de alcachofra. Não, Nelson, tenho alergia, mas obrigada, eu disse enquanto ele coçava três vezes aquela cabeça ensebada e ia se virando pra porta e deflagrando aquele fundilho oco de calça de moletom suja. Foi por isso que coloquei a porra de um olho mágico no apartamento, entendeu?)

Assim, a gente não é íntimo, mas é uma delícia ter um vizinho com quem eu possa conversar, dividir uma pizza aos domingos e falar mal da síndica. O Nelson é uma companhia gostosa. Acho que é isso.

Isso?

(Isso, filha da puta, isso. Acaba logo com essa tortura. Você não aprendeu nada com Lacan e os cinco minutos de análise para atacar os sintomas? Tá escurecendo e o máximo que você despertou em mim foi uma sudorese indomesticável com essa nossa não conversa. Não tem ar-condicionado nessa porcaria de consultório? Esse quadro aí atrás vai derreter. Ai, queria tanto que esse cavalo começasse a se desfazer bem em cima desse seu cabelo seco...)

Quero dizer que não tenho mais coisas para falar, entende?

O quê?

(Essa mulher deve ter trabalhado em Auschwitz.)

É que eu não entendi sua pergunta.

Quero saber o que você gostaria que eu entendesse.

(Queria que você entendesse que esse buraco profundo que eu carrego no peito começou no dia em que saí da porra da barriga da minha mãe e fui despejada nesse mundo frio e indigesto. Todo mundo passou por isso. Dizem até que mandaram um cara pra salvar a gente, mas ao sinal dos primeiros gritinhos meteram ele numa manjedoura e o resto é

história. Cadê aquela teta maravilhosa que me provia de afeto e nutrientes? Por falar em teta, a minha já tá segurando um estojo. Nem trinta anos e já ostento esse peito murcho da porra. O seu também não é dos melhores, né, bem? Você tá sem sutiã?)

Eu realmente não sei. Acho que também não estou entendendo. Tudo tá confuso e acho que é por isso que não estou conseguindo me explicar.

Certo. E os dedos? Você sempre bate com eles assim de forma compassada?

(Não, só quando estou sendo fustigada por olhares monótonos de uma pessoa que nunca passou condicionador nos cabelos e solta palavras desconexas ao preço de barris de petróleo. Será que você paga por sílaba que pronuncia? Vou procurar saber lá no seu sindicato.)

Ah, isso? Não tinha reparado. É que essa situação me deixa desconfortável.

Qual situação?

(Essa festa animada de que estamos desfrutando desde que cruzei o diabo daquela porta atrás de você. Caralho! Tem

outro quadro. Que merda é aquilo? Você pintou ursos de gravata?)

Acho que esse silêncio. Essa falta de assunto.

Isso te incomoda?

(Não exatamente. Incômodo eu sinto quando dizem povos indígenas e devastam a floresta amazônica. Isso aqui eu nem sei explicar o que é.)

O quê?

O silêncio. O silêncio te incomoda?

(Incomodava, mas agora me dou conta que conforme você fala a situação vai ficando pior e chego a sentir saudade de minutos atrás, quando você simplesmente enrijecia os músculos do rosto e empurrava os óculos para trás fingindo estar interessada no que eu não estava falando. Até por esse cavalo atrás de você começo a sentir certo apreço.)

Acho que não. Na verdade, eu gosto muito do silêncio.

(MAS NÃO DO SILÊNCIO QUE CUSTA CINQUENTA REAIS POR MINUTO)

Entendo.

(Preciso acabar com isso. Preciso acabar com isso. Preciso acabar com isso.)

Mas deve ser por causa da minha mãe.

Interessante. Me fale sobre isso.

(Como você é previsível, meu-deus-do-céu.)

Minha mãe é uma pessoa muito verborrágica, sabe? E sempre exigiu de mim uma certa distinção, um comportamento mais assertivo. Aí, acho que fui me calando.

(I-di-o-ta.)

Pra ser diferente da sua mãe, é isso?

(Não, não preciso me esforçar pra ser diferente da minha mãe, sua pintora de cavalos na parede. Bastaria eu não abandonar no mundo os filhos que não quis ter, nem ela, mas ela teve e abandonou. Os quatro. Também não peguei aquela porra de ônibus lotado pra você ficar me despejando perguntas retóricas e muito menos pra gente falar da minha mãe.)

De mais a mais, a gente sabe onde você quer chegar.

(Isso saiu em voz alta?)

A gente sabe? Então, me diz, Soraia, onde eu quero chegar?

(Caralho, caralho, caralho.)

Acho que não quis dizer isso.

Entendo. Mas você disse.

(Que porra de armadilha é essa? Eu te trago um creme de hidratação e pincéis na próxima sessão, mas para de encher a merda do meu saco! É ato falho, você sabe que eu sei. Anota aí nessa caderneta de camurça horrorosa que tá do seu lado e me deixa ir embora.)

Acho que não quero falar sobre isso.

Entendo. Vi você na televisão na semana passada. Essa exposição te afeta?

(Não, na verdade eu acho incrível ter minha cara nos principais programas de fofocas e nas páginas policiais de todos os jornais. E de ter que andar de cabeça baixa para não ser

agredida e é por isso que a puta da minha chefe me manda buscar encomendas, porque ela não sabe mais o que fazer comigo e não tem dinheiro para me mandar embora.)

Não fui eu.

Eu não disse que foi, disse?

(Você não disse, porque tem dificuldade de balbuciar qualquer coisa, mas essa sua cara de mulher que acha que sabe fazer artesanato não me engana.)

Só que eu sei o que você tá pensando. Eu sei o que todo mundo tá pensando de mim.

E o que é, Soraia?

Que a culpa é minha. Mas eu não matei minha mãe.

Flávia Braz (fgsbraz@gmail.com). Há mais de 20 anos atuando com comunicação estratégica, conciliou a carreira de jornalista com o ofício de escrever. Foi repórter e colunista, além de *ghostwriter* de diversas autoridades. É autora do *Quem foi você na fila da quarentena?* (Editora Reformatório, 2023), seu primeiro livro.

A sombra do rei*

Leopoldo Cavalcante

ficção •

PHILINTE

*Mas em muitos locais, franqueza desabrida
Podia ser grotesca, nunca permitida.
Às vezes, apesar de seu rigor austero,
Que esconda o que lhe vai no coração espero.
Seria conveniente, ou traria algum bem,
Dizer ao mundo inteiro a opinião que tem?
Quando alguém nos irrita, ou nos causa desgosto,
É correto atirar-lhe a verdade no rosto?*

ALCESTE

É.

O misantropo, Molière
(tradução de Barbara Heliodoro)

* Trecho inicial do projeto de romance *A sombra do rei*.

O tilintar das correntes de prata pendendo das calças cortou o silêncio do meu escritório. Sem carinho, ele jogou sobre a mesa uma pilha de papéis, falou que foi mó trampo pra subir e que a portaria não queria liberar. Peguei nas mãos aquele original impresso. Na primeira página, uma mancha de café misturada com cinzas de cigarro. Precisava ficar só. Passei trezentos reais e o entregador foi embora todo que-é-isso-patrão-não-precisava, e ainda pediu pra deixar avaliação positiva no aplicativo. Dei mais cinco reais de gorjeta por lá e comecei a apagar as mensagens que Rita tinha me mandado depois de ingerir meio frasco de Venvanse, a anfetamina do workaholic moderno. Nunca imaginei que ficaria triste apagando Rita de minha vida. Tirei da gaveta um adesivo de nicotina pra aliviar a sensação de falta. O repúdio mútuo não era segredo pra ninguém. A gente brigava em jornais, entrevistas, conferências e mesas de debate. Amigos em comum, também do mercado editorial, falavam que o Fla-Flu entre mim e Rita era ótimo pro setor. Revigorava a cena, atraía consumidores, dava a dose de polêmica necessária pro cidadão de bem se entreter. Só que Rita era íntegra. Uma mulher de princípios. Sempre que podia, me mandava uma provocação no WhatsApp. Nunca respondi, e isso nunca a impediu de continuar mandando. Enquanto rolava nosso histórico de conversa, cumprindo o último desejo de Rita, me voltavam as memórias de nossa rivalidade. Os xingamentos, as passadas de perna, os cole-

gas subindo no palco de um evento literário pra impedir que a gente saísse no soco. Revisitava com ternura cada uma daquelas lembranças. Naquele momento, apagando uma a uma as mensagens que trocamos, compreendi que Rita, assim como eu, não se preocupava com consumidores, vendas, números ou métricas. Claro que ela sabia jogar o jogo da mídia, do marketing e do Excel. Analisar KPIs, fazer mapas de distribuição dos consumidores e montar apresentações para os herdeiros que financiam a brincadeira. Só que o que a movia era uma porção igualmente distribuída de amor e ódio. Ou era isso que eu achava. Uma fórmula simples: Rita amava a literatura à exata medida que odiava Nelson. Bobagem. Era tudo o que eu deduzia com aquele original na mão. Uma grande bobagem. Tudo. E eu não conseguia dispersar a mancha de café nos papéis e tampouco desvendar aquele romance assim, sozinho. Eu devia chamar Luísa pro escritório. Ou não. Afinal, o contrato que estabeleci com todos os funcionários era de trabalho domiciliar às sextas-feiras. Por isso ela não entendeu a ligação. “Por quê?”, ela disse, a voz embargada de sono. “Você acordou agora?”, perguntei, por malícia. “Claro que não”, ela mentiu. Tomei a liberdade de dar uma bronca nela, quebrando nosso acordo tácito de não cobrar disposição pelas manhãs. Ela fingiu se desculpar pela gafe e disse que chegaria em até quarenta minutos. Colei outro adesivo de nicotina no antebraço e desenterrei o maço emergencial de Marlboro vermelho, que escondi dentro de

um exemplar oco do *Rei Lear*. Já com o adesivo no braço, usei o isqueiro verde que morava com o maço e acendi um cigarro. O combo de nicotina foi mais forte do que planejei e, antes que minha úlcera pudesse me atacar, minha visão turvou. Antes de desmaiar, comecei a montar uma regra de três que levasse em conta o quanto eu economizaria com entorpecentes no ápice dos meus bons, frouxos e abençoados quarenta e nove anos.

A última vez que chorei com a morte foi há uns cinco anos. Um AVC súbito numa vizinha de 70 e poucos. Ela passeava de madrugada com o cachorro, se abaixou pra catar o cocô do bicho e uma veia estourou na cabeça dela. O cachorro, depois de muito cheirar o corpo da dona, pegou a coleira na boca e ficou cruzando a rua de um lado ao outro até conseguir ser atropelado por um motorista de aplicativo. Um porteiro do prédio fez questão de me contar tudo. Ele me disse que um funcionário do Centro de Zoonoses, encarregado de remover a carcaça do cão, foi quem avistou o corpo da senhora. Pela falta de refino sintático do porteiro, não me importei com a história. Naquela noite, deitado na cama e prestes a dormir, me lembrei do cachorro kamikaze e chorei.

Mesmo sabendo que a porta estava destrancada, Luísa teve delicadeza. Bateu na parede de vidro que separava minha sala do resto da editora e esperou eu me levantar do chão. Ainda cambaleante, assoprei as cinzas do cigarro, escondi o maço no bolso do jeans e devolvi o *Rei Lear* pra estante,

dentro do box de peças completas de Shakespeare, há duas décadas o carro-chefe da editora. Num bocejo forçado, Luísa se anunciou. “Noite agitada?”, perguntei. “Voltou a fumar?”, ela tergiversou, fungando a fumaça na sala e fingindo ignorar a bituca no chão. “Não vai responder?”, falei, arrancando um dos adesivos de nicotina. “Você primeiro”. Jogo do silêncio. Perde quem falar antes. Sempre ganho. “Já tá sabendo?”, ela perguntou. “Esse vai ser um dia daqueles?”, retruquei. “De perguntas retóricas?”, ela entendeu, saindo da sala e indo em direção ao bebedouro no corredor. “E aí?”, Luísa falou alto, a voz misturada ao som do copo que se enchia. “Deu no site do jornal, mas não vieram falar comigo”. “Que falta de consideração”. O sarcasmo me revigorava. Num balançar de quadril, girei a cadeira ergonômica em direção à porta. “Café?”, ofereci. “Tô cortando. Desalinha meus chacras”. “Cigarro?”. “Faz mal pro bebê”, uma piada interna nossa. Enquanto ela se aproximava, voltei à posição anterior, bunda na cadeira, encarando o original. Descansei as pernas no vão da mesa. A meu lado, Luísa pousou o copo plástico em cima de uma cópia do jornal do dia anterior e acompanhei o suor da água desbotando a tinta. Ela começou a massagear meu ombro com uma mão e a folhear o original com a outra. “A Letícia não se incomodou de você vir hoje?”, perguntei. “Expliquei a situação. Ela até liberou da gente comemorar no bar depois do expediente”. Eu não queria socializar. Sim, eu que chamei Luísa, mas um bar seria demais. “Hoje é meu dia de ficar com a Giovana”, disse,

jogando a carta da filha. “Ela ainda não pulou da janela?”, Luísa perguntou. “Nessa economia? Ela sabe que o papai aqui não ia poder fazer um funeral bacana”, uma boa piada. Sou um pai engraçado. “Não tem parágrafo?”, Luísa ia perdendo o interesse pelo livro e pelo meu ombro. “É o espólio da Rita”, confessei, mas logo me arrependi.

“Como assim?”, Luísa me perguntou, enquanto mexia a colher de plástico na xícara de café, tentando desalinhar um pouco menos os chacras com quatro gotas de adoçante diet. Sentados numa mesa da calçada naquele boteco em Santa Cecília, ignorei a pergunta enquanto acompanhava uma mulher atravessando a faixa de pedestres e subindo em nossa direção. Pela testa estampando botox, queria acreditar que ela seria dez ou quinze anos mais velha do que eu. De legging cinza e top areia, empurrava um carrinho compacto de bebê. Sem dificuldade, desviava-se dos buracos e empinava o veículo de puericultura pesada sobre as ladeiras desniveladas do bairro. À medida que se aproximava da gente, eu pensava naquela mulher protagonizando um dos livros que Rita adorava editar. Pequenas cenas percorriam minha cabeça. Enquanto Luísa misturava o adoçante, imaginei a mulher de legging cinza e top areia descobrindo uma gravidez aos cinquenta e poucos anos. Na minha cabeça, a mulher de legging cinza e top areia se arrependeu de ter chutado o balde na aposentadoria. “Como pude ser tão inconsequente”, pensou a mulher de legging cinza e top areia. “Não deveria

ter transado com Miguel – ou Juan, ou Gabriel, ou Mauro, ou Camilo, ou Gael, ou Pedro, ou André”. A mulher de legging cinza e top areia, depois de muito refletir em silêncio; de procurar uma obstetra pra fazer o pré-natal; de sofrer situações sutilmente violentas; depois disso a mulher de legging cinza e top areia decidiu ter o filho. Ou é isso que a leitora média (expressão favorita de Rita) imaginaria, porque Rita cortaria a cena final, quando a mulher explicitamente decide ter o filho. Complemento com facilidade as sugestões dela: “Que tal terminar numa metáfora? A personagem sozinha na cozinha, lavando louça – uma cena característica da desigualdade de gênero, entende? Essa mulher, enquanto lava a louça, reflete sobre a criança e a maternidade. Perdida em reflexões, deixa cair um copo. Só que não vamos acompanhar a reflexão sobre os fragmentos do copo, os significados do vidro no chão; não, de forma alguma. Porque antes de pensar nos fragmentos, ela se abaixa e pega todos os cacos de vidro com a mão desprotegida. E aí ela observa a mão sangrar por uns segundos e então joga os cacos num saco plástico. Voltando pra louça, ela deixa o sangue escorrer pelo ralo, e fim. Uma cena contemplativa meio Chantal Akerman”, Rita sugeriu. “Mas isso não daria a impressão de um aborto?”, a autora perguntou pra ela – que, nesse cenário, também sou eu. “Pode ser”, Rita concordou. “Por isso é uma metáfora. Não tem que ser precisa. Como a própria condição feminina não é precisa, ou classificável”,

completou. E eu continuo projetando cenas assim, protagonizadas pela mulher de *legging* cinza e top areia subindo a ladeira, com a certeza de que Rita sabia que a única explicação razoável para tantos copos quebrados em livros femininos é a adesão das leitoras brasileiras a uma poética difusa, a poética dos atos miúdos e cotidianos. Em outras palavras, é o tipo de clichê moderno que impulsiona as vendas, como eu disse em várias entrevistas. Entrevistas que Rita respondia me chamando de machista, misógino e limitado. Quando um jornal imprimia meu nome acompanhado dessa tríade de adjetivos, eu pegava uma caneta vermelha e riscava a palavra machista. Não que ela estivesse errada, mas misógino e limitado já dão conta da mensagem. E têm uma sonoridade mais elegante. Me lembrei das várias vezes em que transformei “Nelson é um machista, misógino e limitado” em “Nelson é um misógino limitado” e fiquei feliz. Boas memórias. Mas interrompidas pelo som estridente de uma colher de chá batendo na porcelana. Luísa estava na metade do café e ainda não respondi à pergunta dela sobre o espólio de Rita. Antes, acendi um dos cigarros que trouxe comigo. Acendi porque a mulher de *legging* cinza e top areia passou por nós. Pela capota aberta do carrinho de bebê, vi um pug de lacinho rosa roncando com a suavidade de um caminhão interestadual. Eu gostaria de ter editado um livro com uma personagem assim. Mas Rita teria feito um trabalho melhor.

Leopoldo Cavalcante (leopoldo@aboio.com.br) nasceu em Fortaleza, Ceará. Radicado em São Paulo desde 2016, é editor, escritor, produtor cultural e empreendedor. Publicou textos em prosa e poesia em revistas literárias impressas e digitais.

Olinda*

Letícia Cintra do Amaral

• não ficção

A primeira lembrança que tenho de meu irmão Alexandre, e consigo datar, é do verão de 1963. Ele tinha um ano, eu ia completar três. O lugar, uma casinha rosa, na praia à época deserta de Rio Doce, em Olin-da, próxima ao rio que faz divisa com o município de Paulista. Alguns poucos degraus, e estávamos na areia, branca, tão branca que ofuscava os olhos. O mar verde-esmeralda, calmo, sem ondas, piscinas rasas onde, durante horas, brincávamos ao sol. Por conta dos meus problemas de tosse e garganta, o pediatra receitou uma temporada de banhos de mar que, segundo ele, curavam quase tudo.

Meu irmão ainda não andava. Vejo ele brincar na praia, no cercado, engatinhar pela casa ou deitado no chão da cozinha, aos berros. Eu não entendia o motivo de tanto choro. Ele era um bebê chorão. E faminto. Algumas vezes chorava de fome, ou de gula. Gostava de comer, comia de tudo, e por

* Trechos de um livro de memórias sobre a morte de meu irmão Alexandre, aos 52 anos, nossa infância comum, a mudança de Recife para São Paulo em decorrência do golpe de 1964 e consequente prisão de meu pai, por motivos políticos.

mais que comesse, ainda queria mais, ao contrário da irmã inapetente e enjoada. Minha mãe, com base nas melhores práticas educacionais da época, tinha por princípio deixar chorar até cansar, se achasse que o choro não tinha razão. Severina, nossa babá, corria para acudir, mamãe reclamava, *Deixa ele chorar, chorar faz bem para o pulmão!* Talvez, por isso, achei melhor tossir.

Por aquela época, nos mudamos de um pequeno apartamento em Recife para a casa térrea e espaçosa do Bairro Novo, em Olinda, nos limites da cidade. Dali em diante, estradas sem asfalto, praias desertas, habitações de pescadores, raras casas de veraneio, como a de Rio Doce. Moramos lá até quase o final de 1965, quando meus pais iniciaram o processo de vinda para São Paulo.

A casa, com jardim e terraço na frente, ficava em uma rua de terra. Nos fundos, quintal com areia, a mangueira de onde pendia o balanço vermelho, a garagem com nossos brinquedos. E o velho Austin verde estacionado na rampa do terraço.

Pelas manhãs, em dias ensolarados, meu irmão e eu, de mãos dadas com Severina, íamos à praia a uma quadra de casa. O mar ali era agitado, espumoso e barulhento. Mamãe recomendava, *Severina, não deixe as crianças entrarem na água!* Somente podíamos brincar na areia, criar e destruir pontes, fossos e castelos, onde viviam reis, princesas e soldados. Nosso limite era molhar os pés, enquanto enchíamos os baldinhos para ajudar na construção.

À tarde, a brincadeira era no quintal. Por vezes, Severina nos levava à rua para ver a tartaruga na casa da esquina e esperar seu João, o peixeiro. Todo dia, lá vinha ele, moreno de sol, muito magro – papai dizia que era magreza de fome –, anunciando, *Olha o peixe, olha o peixe, dona*. Os vizinhos apareciam nas portas, nós dois corríamos para ver os bichinhos, ainda meio vivos, já meio mortos. Do cabo de madeira em seu ombro, pendiam ora lagostas, siris, caranguejos, guaiamuns, na cesta de vime agulhas ou outros peixes, ora camarões, polvos, lulas. Minha mãe, quando estava em casa, ou Ana a cozinheira, vinha sem pressa. *Hoje vai querer o quê, patroa?*, seu João dizia. E para mim perguntava, *Quer ver o que tem na cesta, galega?*

No resto do dia, do fundo do quintal, acompanhávamos a movimentação dos pescados nos baldes da lavanderia. À noitinha, lagostas ou caranguejos vivos iam ao caldeirão. Fogo aceso, suas patas surgiam nas bordas, em tentativas frustradas de escapar. Ana, com a colher de pau, empurrava as fujonas de volta à água fervente.

Às vezes, aparecia uma galinha. Normalmente aos finais de semana, quando havia convidados para o almoço ou jantar. Ana chegava da rua com ela pendurada, com os pezinhos amarrados, e a deixava presa por uma corda em alguma estaca. Curiosos, gostávamos de vê-la ciscando em torno do pau, até que, antes que pudéssemos nos afeiçoar à ave, Ana gritava da cozinha, *Severina, tira os meninos!* E então, de longe, mas não de tão longe, ouvíamos o cacarejar histérico,

o medo da morte nos gritos. Era o fim da coitada, que reaparecia na mesa da sala, em uma travessa de louça, cortada em pedaços, o molho vermelho de sangue, galinha à cabidela.

A convivência com os bichos em vida tirava meu apetite, mas não o de Alexandre. Porém, com o peru foi diferente. O coitado chegou em algum dia de dezembro, como presente que meu pai ganhou. Para nós, foi uma grande novidade, um alvoroço só. Ficou muitos dias solto pelo quintal. Nos aproximávamos, um tanto quanto temerosos, papai tinha avisado, *Nada de ficar muito perto do peru, ele pode bicar vocês*. Seu caminhar costumava ser lento, e então vinha o show, abria as enormes asas – enormes ao menos para nós – e fazia *glu, glu, glu*.

O dia do sacrifício chegou, às vésperas do Natal. Desta vez, não vimos e nem ouvimos nada, o trabalho foi feito na surdina. Ele reapareceu assado, glorioso, inteiro, dourado, morto. Choramos muito, não jantamos, somente a perspectiva dos presentes amainou um pouco nosso luto. Os adultos que vieram para a ceia acharam a comida ótima. Elogiaram minha mãe e Ana. O peru servido na mesa de jantar foi demais até para meu irmão. Só vovó, sempre do nosso lado, protestou, nos vendo tão tristonhos, *Que maldade fizeram com as crianças!*

Foi naquela época que, nas noites anteriores, ao cair da tarde, procurávamos no céu, entre as estrelas brilhantes, o trenó do Papai Noel. *Será aquela luzinha se movendo? Será que ele recebeu nossas cartas? Será que vai trazer o que pedimos?* Eu atormentava Alexandre, *Você chora por tudo. Não vai ganhar*

nada, seu chorão! Ele abria o berreiro, e de dentro mamãe gritava, *Letícia, para de apearrear seu irmão.* E eu, logo fazendo as pazes, o chamava, *Vem, vem ver a lua correr atrás da gente. Olha lá, São Jorge e o dragão.*

Meu pai, às vezes, chegava um pouco mais cedo do trabalho e jogava futebol com a gente no terraço. Eu gostava mais do que meu irmão, que na época, ainda pequeno, não se interessava. Eu tinha paixão por bola. Uma vez meu pai trouxe para mim, no avião, voltando de uma viagem de trabalho ao Rio de Janeiro, uma bola enorme, toda colorida. Em outras noites, após o jantar, ele tentava nos ensinar, sem sucesso, o movimento das peças do jogo de xadrez na mesa de seu escritório.

Em alguns sábados, Zé Mansinho, com tesouras e pentes, vinha aparar os cabelos dos “homens” da casa. Quando minha avó estava por lá, era uma choradeira. Meu pai gostava de corte estilo militar, bem curto, cabelos raspados na lateral, à máquina. Vovó reclamava, *Os cachinhos dourados de meu Bambão. Seu Zé Mansinho, isso não se faz! Mas o doutor que mandou, Dona Eunice! Fazer o quê? Ele manda, eu obedeco.* Ela ia reclamar com papai, *Mas Antônio Carlos, por que tão curto o cabelo do menino?* Não adiantava. Ele achava que assim tinha que ser. E lá ficavam espalhados pelo chão os cachos dourados de meu irmão, para desespero de vovó. Mamãe também ficava com pena, mas não tinha voz para nada. Quem dava as ordens era meu pai.

1964

Em março de 1964, o ambiente andava estranho lá por casa. Meu pai quase não saía, nem para trabalhar. Às vezes, recebia um ou outro amigo e se fechava com a visita no escritório. Pouco brincava com a gente. Passava os dias lendo ou ouvindo rádio. Eu pedia, Alexandre pedia, *Papai, vamos jogar bola? Papai, empurra a gente no balanço?* A resposta era sempre, *Estou cansado* ou *Agora não*. Minha mãe, de onde estivesse, quase sempre cuidando de nosso irmão mais novo, Antônio Carlinhos, gritava, *Deixem seu pai em paz. Ele está doente, precisa descansar*.

Quando ficava mais disposto, chamava a gente para o terço depois das refeições, e na cadeira de balanço ou na rede, mostrava o rádio comprado há pouco. Ouvíamos diferentes estações, em línguas de lugares distantes. Não entendíamos nem uma palavra, e ele nos dizia, *Estão falando em inglês*, ou *É uma estação de rádio francesa. Um dia vocês vão conhecer a França*.

Em francês, ele costumava cantar a Marselhesa, em altos brados no carro, quando dirigia pela estradinha que unia Recife a Olinda. *É o hino da França, crianças. É lindo. Representa a liberdade*.

À noite, após o jantar, era a hora sagrada do *Repórter Esso*. E depois, às vezes, ele ouvia alguma outra estação, também com as notícias nacionais. Não me lembro de televisão em casa, naquela época.

Meu aniversário de quatro anos, no dia 21, passou sem festa, apenas um bolo com velinhas, as avós e uma tia ou outra vieram cantar os parabéns. Lembro que ganhei uma boneca, que batizei de Maria Eduarda, o nome que teria minha irmã, se eu tivesse uma, em vez dos dois meninos. Minha mãe estava novamente grávida e eu acreditava que desta vez ia ser menina.

Pouco depois, de um dia para o outro, minha mãe arrumou as malas e viajamos para o engenho do tio dela, Edgar. O rádio também foi, no porta-malas do Austin. A casa de meus tios era grande, terraço na frente, piso de madeira barulhento, cheiro de comida e de cana. Meu pai, como vinha fazendo em casa, passava os dias dormindo ou descansando, enquanto minha mãe ajudava nas tarefas domésticas. Após o jantar, a conversa dos adultos tinha um tom sério, com poucas risadas, e bem cedo nos mandavam para a cama.

Severina, que estava com a gente, pelas manhãs nos levava até o rio que corria próximo, após um declive sombreado. Era raso naquele trecho. Com os pés na água fria, molhados de espirrar água um no outro, nos divertíamos alimentando os peixes com o pão velho que mamãe nos entregava em um saquinho de papel marrom. Meu irmão, sempre com fome, comia parte no caminho e eu brigava, *Os pães são para os peixinhos, seu guloso!*

Alguns dias depois de voltarmos para casa, acordamos pela manhã e meu pai não estava. Mamãe, com a cara

amarrada, tentava dar um jeito nos livros e papéis espalhados pelo chão da sala e do escritório. Perguntei por ele e a resposta foi seca, estava no hospital, mas voltaria logo. Juntou nossas coisas, e fomos passar um tempo no apartamento de minha avó, no centro do Recife.

Por alguns meses, iríamos vê-lo somente de longe. Mamãe com a barriga crescendo, Alexandre e eu ficávamos em um extenso gramado na frente do hospital, e meu pai, pela janela alta e gradeada, acenava. Mal conseguíamos vê-lo, de tão distante.

Ele somente voltou em setembro, poucos dias antes de Marcelo nascer. Mais um irmão, o terceiro menino. Quando me deram a notícia, chorei muito, chorei de tristeza. *Quem vai brincar de boneca comigo?*

Letícia Cintra do Amaral (leticiacamaral@yahoo.com.br) nasceu em Recife, em 1960, e aos seis anos mudou-se com a família para São Paulo, onde vive até hoje. Formada em Economia e Direito, aposentada como procuradora do Tribunal de Contas do Estado de São Paulo, atualmente se dedica à escrita.

Ossário para Elisa*

Anna Clara de Vitto

ficção •

“Olha quem chegou!”

“A pata choca tava botando um ovo?”

“Só se for um ovo virado! Espia só a cara dela!”

“Turma, por favor, quietos. Voltem ao exercício e, Emília, pegue aqui a tarefa de hoje”, interveio a professora.

Curvada sobre o assento, certa de que encontraria chicletes mastigados, tachinhas ou qualquer outra arma estudentil, ela não viu quando a mão da colega agarrou a borracha em cima da mesa ao lado e esperou o momento certo, esfregando com o polegar os restos de esmalte colorido nas cutículas do indicador. Arremesso perfeito. O calor na órbita esquerda cresceu com a gritaria na sala. O nó do choro engolido na pressa por pouco não se desatou feito uma das tranças, apanhada e puxada pela mão de outra colega. Emília deu por certo o golpe de misericórdia e tentou juntar explicações futuras para o motivo de voltar desfeita da escola.

* Capítulo do romance *Ossário para Elisa*, apresentado como trabalho de conclusão de curso da pós-graduação Formação de Escritores, do Instituto Vera Cruz.

“Turma, chega! Vocês três, me passem as cadernetas e saiam agora da minha aula, vou anotar ocorrência no diário de classe!”. O berro da professora transformou a algazarra em raiva.

“Emília, vai à merda!”

“Vamos te pegar na saída!”

“É isso aí! Vamos te depenar, pata choca!”

No meio do barulho que não cedia, os garotos do fundo se cutucavam, riam e soltavam ar pelos narizes, quando um deles se levantou, surpreendendo o resto:

“Corta essa! Deixem a menina em paz, bando de putas.”

“Qual é, Luís! Tá defendendo essa escória? Justo você?”

“O que é isso? Mais uma dessas e você vai junto, Luís!”.

A professora suspirou, vencida pela confusão.

Antes de sair, as três garotas se entreolharam, incrédulas. Emília, ainda paralisada pelo absurdo da situação, achou que o menino da banda piscava para ela.

Lentamente, uma trégua começou a substituir a electricidade do ar. Sem conseguir avançar no exercício, Emília analisava as marcas azuis dos próprios dedos no mapa mimeografado, quando um bilhete passado por cima do ombro perfurou o espaço em que a garota se debatia sozinha dentro de si mesma:

“Me espere no pátio, perto da cantina, depois que a aula acabar. Quero conversar contigo. L.”

quadro político do mundo atual

isso não me interessa quando eu nem queria
estar no mundo só me interessa aprender
sobre o desastre de Chernobyl dos detalhes de tudo
das explosões o reator se desmanchando igual
minha pele toda vez que Dona Nietta me olha ela nem
precisa falar nada que eu derreto escorro para o chão
procurando os cantos para ficar por ali nos
rodapés de tudo e não ser mais pisada quando muito
chutada com o mindinho do pé o quadro do meu mun-
do atual não é político está mais para aquele quadro
do homem gritando toda vez que olho para aquela
figura aquela boca aberta parecendo que só tem boca
eu me sinto irmã dela eu fecho os olhos querendo que ela
me engula ou melhor que ela mande Dona
Nietta para dentro como aquela história do homem engoli-
do pela baleia a diferença é que eu não quero que ela
saia que morra sem ar dentro do monstro dentro do
urro meu berreiro entalado e fique enterrada
no fundo do mar no fundo da pintura sem
chance nem de alguém encontrar os ossos da desgraçada
e agora esse bilhete será que a borrachada vai deixar
marca? será que eu apanho saindo daqui? bem capaz
de Dona Nietta completar o outro olho quando eu chegar
será que o Luís me defende dela também ou isso

é tudo uma piada idiota? e agora esse recadinho
justo do cara que faz onze entre dez garotas dessa escola
inteira tremerem na base justo do dono dos baili-
nhos nunca me convidaram pra nenhum só me
restava ouvir por cima as fofocas sobre quem é a galinha da
vez claro, porque esse é o único assunto que interessa
depois de uma festinha Dona Nietta tem horror a esse
tipo de coisa e diz toda cheia de si que graças a Deus que a
filha dela não é dessas

que coisa mais feia essas meninas fumando bebendo
se esfregando em tudo quanto é machinho daqui a
pouco acabam prenhas ou num puteiro o que é o menos pior
que pode acontecer pelo menos alguém paga pra usar
credo que horror essas meninas piores que banheiro público
acabam cheias de doenças você viu que nojeira essa
praga nova que só pega as bichas

uma tristeza certeza que uma hora pega
essas vadiazinhas também porque hoje tudo pode, né
uma desgraça essa gente que se acha muito
moderninha ainda bem que Emília é feia demais pra
essas coisas

“Turma, podem entregar a tarefa, o sinal vai tocar”.
A voz da professora, sem o tom alterado de minutos atrás,
criou um campo de força que afundou o corpo de Emília na
carteira, todas as partes acumuladas sobre o móvel, tentando
existir o mínimo possível.

Anna Clara de Vitto (annaclaradevitto@gmail.com) nasceu em Santos, em 1986. É poeta e autora de *Água indócil* (Urutau, 2019) e *MEADA* (ed. da autora, 2019). Desde 2017, integra a coordenação do Clube da Escrita para Mulheres.

Domingo aberto

Gabriel Cruz Lima

ficção •

– Quero ficar parecida com a Camila Pitanga pelada.

Não que ela tivesse qualquer semelhança com a Camila Pitanga, que fizesse sentido com a ideia dela ficar mais parecida com a Camila Pitanga pelada. Não sei nem se seria possível, mas em algum lugar, enquanto a gente dividia o último baseado no parque, ela tinha inventado uma certeza, era isso, Camila Pitanga.

E, para ver se ela esquecia por que ela tinha me chamado, fiquei repetindo a palavra Pitanga, meio bobo:

– Pitanga, Pitanga.

– O que foi?

– Olha, amor, como é gostoso de falar: Pi-tan-ga.

E eu percebia, me ouvindo, que Pitanga tem um jeito gostoso de se articular na boca, a maneira como a língua se mexe de cima a baixo dá uma sensação explosiva.

Juliana franziu a testa e depois riu.

Querendo sustentar o clima ameno, eu disse, improvisando:

– Juliana também dá um gostosinho na bochecha quando a gente fala.

– Acho meu nome feio, você sabe.

Pensei se ela não seria mais feliz se fosse Ana Julia. Ou Camila Pitanga.

– Assim que cair o seguro-desemprego, compro um abajur pro meu quarto, pra gente, uma réplica desses grandes da Pixar. Você vai ficar a cara da Camila Pitanga.

Falei da Pixar para ver se a gente não estendia um pouco mais a conversa nesse tom de antessala de dentista, nem lá, nem cá, para que, por associação, talvez, ela se lembrasse daqueles dias em que a gente ficou maratonando filmes, como um casal-casal, desses namoradinhos da televisão: felizes e íntimos. Mas o efeito pensado não é o mesmo para ela.

– Não precisa, João. Você sabe.

– Sei?

E eu nem tive tempo de falar, imagina só como você ficaria sob aquela luz, Juliana, luz triangular revelando metade do seu rosto, Juliana, luz amarela quente, como a desse pôr do sol, luz de clima de rendez-vous, em que eu realizaria o desejo dos desejos, esse impossível de você parecer a Camila Pitanga pelada.

E eu nem tive tempo de me esticar e ficar colocando mais e mais palavras explosivas como Pi-tan-ga na nossa

conversa, afastando ideias sombrias que a maconha estava causando.

Ideias essas que apareceram como um presságio, antecipadas, nítidas, como se eu lesse na nuvem de fumaça através dos dentes dela o que viria a seguir. Daí foi sem surpresa que eu ouvi o porquê de ela me chamar para sair.

– Como dividir melhor o tempo entre pessoas diferentes, essa é a questão.

– Abrir ainda mais o relacionamento, tipo, agora é permitido você dar pra outras pessoas, é isso que você quer?

– Não é bem por aí, mas se você quiser encarar assim, sinto muito – ela coçou os olhos e agora, penso, ela poderia ter chorado para amenizar.

– Se você não acha que desse jeito tá bom, é osso pra mim.

– Escuta, é mais uma questão de dividir melhor o tempo, de a gente entender que estar com sua namorada não vale mais nem menos do que estar com sua família, com seus amigos.

– De onde você tira essas besteiras? A diferença é que eu não quero dividir mais nada, nem tenho intenções de trepar com nenhum Carlinhos, que eu sei que você tem.

– Pois bem, não é que eu tenha. Mas se eu tiver? E se eu disser que tenho?

Eu entendi que Juliana disse assim, esquiva, para amenizar a verdade, queria trepar com o Carlinhos, sim, e

eu dei uma tragada ainda mais longa, que merda. Enquanto víamos essas crianças, seriam irmãos, brigarem para dar pipoca aos passarinhos, me bateu a ideia de como Juliana é uma cínica.

Eu falei, sim, não estou paranoico, falei para ela como eu o percebia, esse amigão da galera. Imagina, fica tranquilo, ele é só muito legal, expansivo, é o amigão da galera, justificava Juliana, e eu até achava o moço simpático, o que não justificava, para mim, que não sou o amigão da galera, o abraço mais longo, se roçando, eu não sou otário, Juliana, não foi hoje, mas eu falei, eu não sou otário, eu vi aquela mão se alongar da libélula do seu antebraço ao demônio tatuado no pulso, essa faísca nos dedos de quem tem outra intimidade com o amigão da galera.

– Já eu não tenho intenções de trepar com mais ninguém, Juliana. Eu tô feliz, mais ainda, muito feliz, se quer saber.

Esqueci de completar que eu estava feliz e, de certa forma, conformationado de a gente poder se abandonar diante do outro, de ver como os pais daquelas crianças separavam a treta deles com os passarinhos, o que eu não entendi bem, em que medida isso tinha a ver com abandono, mas projetei a imagem deles como a nossa, uma estabilidade furada e briguenta como forma de tocar as coisas. Eu duvido muito que a Camila Pitanga use calcinha furada.

– Mas pode vir a ter, João. Eu não quero te prender.

– Você tá usando muita rede social pra falar assim.

Fico incomodado com esse discurso dela de uma liberdade sem escalas, ainda mais ampla, como se a restrição não fosse uma escolha, apenas uma imposição, eu queria ter lembrado na hora, mas esqueci a frase que a gente repetia para se referir sobre a gente: melhor dos dois mundos.

Melhor dos dois mundos, penso, é uma ideia estúpida, com certeza esse desejo por Carlinhos só começou, porque tínhamos desde o início essa abertura para sair dando uns beijos na boca de mais gente, conhecida ou não, mas de vez em quando.

Dois mundos, sou duas vezes ingênuo, isso sim, porque acreditava em uma possibilidade de gradação entre intimidades, beijo não é trepar, que não é dormir junto, porque beijar, para mim, num rolezinho, mesmo que fosse ele, não é uma manifestação integral do corpo e da mente, um envolvimento, como é o sexo. Novamente ingênuo, porque esse pensamento é meio bobo, ele com certeza vem de uma crença na separação entre corpo e mente, como se, mesmo esporádicos, esses beijos furtivos, essa ação que eu imaginava só física, com algum Carlinhos, nunca dissessem nada, não fossem, eles mesmos, mentais, corporais, e, assim, totais. A gente nunca deveria ter namorado dessa forma.

– Achei que nosso sexo bastasse.

– Você está colocando um peso desnecessário nesse lance da fôda, cara. Não é assim, tô pensando ultimamente

que não tem muita diferença entre um beijo e uma trepada, eu acho. E outra, como eu falei, nem é sobre isso.

– Não tem diferença por quê? Acho que você que está sendo leviana, imagina se eu fizesse as coisas que você quer fazer com outra pessoa, seria fácil pra você?

– Seria um período de adaptação, mas acho que a gente conseguiria suportar.

– Você sabe que eu sou homem, né, Juliana?

– E o que você quer dizer com isso?

– Que se eu aceitar, vou te dar satisfação de porra nenhuma. Sair por aí e foda-se.

– Que preguiça, hein. Eu já te falei que não é sobre isso.

– Sobre que cacetes é então?

– Bicho, eu não posso simplesmente pensar junto contigo em outra forma de relacionamento? Eu não tô terminando com você.

– Em certo sentido, tá, sim.

Tava, sim. E aí, veio à cabeça uma ideia abstrata, de que talvez ela quisesse viver como se a gente fosse uma colônia no estilo Novos Baianos, todo mundo é de todo mundo e eu vou chamar o Carlinhos de namorado também.

– Minhas prioridades mudaram.

– Agora se chamam Carlinhos. Eu não sou o Moraes Moreira. Ninguém pode ser a Camila Pitanga.

– O que você tá falando? Para de ser dramático e me ouve. Não sei se você sabe, mas nem tudo o que eu penso tem

a ver com pica, buceta. Tem hora que queria ver um filme com a minha mãe, mas eu tenho que te consultar primeiro.

Eu não sabia que a sua mãe tinha um bigodinho fino e sorrisão largo, pensei em dizer. Foi por isso que, enquanto observava minha capacidade de fazer rosca com a fumaça, que, puta merda, entendi, a verdade era essa, me deparei com a verdade, quando ela disse por mensagem para sairmos hoje, no fim de tarde, ela queria dizer que se encontrou com o Carlinhos na festa da empresa, ele sempre charmoso, que eles se agarraram enquanto todo mundo estourava o champanhe, e eles passaram do ponto, e isso foi um erro, e foi assim até eles transarem num motel, jamais na cama dela, para não atrapalhar nossa intimidade. E ela escolheu um parque num fim de tarde, nem tão íntimo quanto um jantar, nem tão feliz com um café da manhã, que ela não iria, porque sua enxaqueca pós-champanhe é fotossensível e eu entenderia tudo na hora, eu sacaria. Era isso, a ideia de abrir ainda mais o relacionamento é um mecanismo da culpa. Juliana tinha sido uma filha da puta. Não gosto de pensar nisso com essas palavras tão evidentes, mas no fim das contas era isso mesmo, Juliana como filha da puta. E eu era o corno.

– Você dormiu com ele ontem, não foi?

– Para de ser paranoico.

– Fala a verdade. Você quer me abandonar nesse momento e não sabe dizer.

– Já disse tudo. Eu não vou entrar na sua pilha e brigar, João.

– Odeio quando você se coloca acima de mim.

– Eu não vou mais te responder assim. Se acalma. Você só tá querendo briga.

Ela ficou olhando o céu. E eu, com as mãos agarradas na grama, pensei, eu te amo inteira, Juliana. Dá até vergonha, pensar como uma frase tão comum e comunitária é, para mim, o oposto. Nesse final de domingo, depois que a gente falou dele, ou fui só eu quem falei, passei a ver o amor como uma experiência solitária, composta pelos outros dias da semana em que eu tentei te refazer e te vi dentro do meu coração, Camila Pitanga mais real, porque imaginada, e é tudo verdade, Juliana, sendo apenas minha medida do desejo.

É ciúme o nome dessa medida indivisível de estar com Juliana, é ciúme. E eu sofria, por perceber que, talvez, a gente tivesse princípios diferentes de amar. O ciumento é um impotente que tem a ideia de chamar atenção para si, que fica sentado na grama esperando o parque fechar, parecendo inteligente enquanto ruma, querendo que a pessoa volte com juras de amor único. A verdade é que a gente não suporta alguém curioso, de saber que o amor, no caso dela, opera como um princípio de exploração, mais do que de unidade, de querer conhecer outras coisas a desfrutar de uma pessoa só.

Fiquei na dúvida se estou sendo complacente, na real. O foda é que esse novo modelo, essa nova ideia, tem até nome: Carlinhos.

– Precisa ser com ele? É por causa dele, Juliana?

– É por causa dele também, João. Eu poderia chegar em você e ficar te rodeando, protegendo, mas eu prefiro ser sincera, ainda que isso magoe.

– Que bela proteção, chegar aqui e falar que você tem interesse em outra pessoa e esperar que eu fique tranquilo.

– Eu não tô pedindo sua tranquilidade. Nem dizendo que é só ele. Mas você não é criança pra ficar de ironia. Tô pedindo que você pense com carinho na proposta.

– Não tem como pensar com carinho na proposta se eu associo sua ideia a alguém.

Ficamos em silêncio, apenas passando de um lado para o outro a pontinha do baseado.

Ela repetiu:

– Quero ficar parecida com a Camila Pitanga pelada. Pense com carinho na proposta.

Juliana encolheu os ombros, soltando todo o ar do peito, pegou a mochila e, ainda de cócoras, me deu um beijo na testa repetindo: pensa com carinho na proposta.

Apaguei o resto do baseado com os dedos úmidos e fiquei pensando nas palavras dela.

Fico iludido, jogando uns fiapos de grama para o alto, qual a chance disso se realizar, se eu soubesse que era

assim, eu nem vinha. No fim, ela é uma idiota, imaginando que não me dói tomar consciência do desejo dela e que, ainda que sincero, nem por isso menos brutal e burro. Brutal, porque ela vai dar pro Carlinhos e talvez eu aceite isso, porque a vida tem dessas. Burro, porque nem eu, nem ele, nem o Moraes Moreira seríamos capazes de fazê-la parecida com a Camila Pitanga pelada.

Não sei quem é mais idiota. Se sou eu, acho que sou eu, que fico catando fiapos de grama no cabelo e tentando refazer meu desejo de que eu voltasse a ser para ela – se um dia já fui – o que um dia já fui.

Assadura

Alessandra Effori

ficção •

Minhas coxas estão assadas, o interior das pernas arde em contato com o jeans e vai ser horrível ficar sentada. A entrada é na boca do palco e eu odeio a primeira fila, tenho certeza de que atraio as piores energias do universo e de que uma pessoa bem espaçosa vai se sentar atrás de mim, cruzar as pernas diversas vezes durante a apresentação e bater o joelho sempre que se ajeitar na cadeira. Esses teatros estão cada vez menores, não são espaços projetados para pessoas altas, gordas, com problemas de coluna e que libertam os volumosos cabelos crespos. Se qualquer coisa der errada, saio pela lateral. Enquanto procuro mapear as saídas e calcular a rota de fuga, noto que a cadeira da direita foi ocupada por um homem de bochechas vermelhas. Deve ser rosácea. Usa óculos transparentes e quadrados, menores do que deveriam ser, e se parece comigo. Não olha em minha direção, está concentrado no celular.

Estou cansada e com calor, minha pele está bem empipocada e a assadura coça. Mania de usar a mesma calça a

semana inteira. O pequeno auditório está cheio e não posso ver quem está chegando. Olho para o casal sentado no meu lado esquerdo, ela tem as laterais do cabelo raspados, ele a cabeça inteira. Devem ser contra a indústria que gera grande volume de embalagens, tenho certeza de que usam xampu artesanal em barra e participam de alguma comunidade por uma vida com menos plástico. Conversam baixo, não consigo nenhuma interação. Alguém atrás de mim masca chicletes de menta, fuço na bolsa e acho uma última bala de cereja. Hoje mesmo passo no Armando para comprar mais. Ouço poucas vozes, todos devem estar cansados. Assistir a um show sem cantor, às 18h30 de uma sexta-feira, não é mesmo para qualquer pessoa, ou trabalha perto ou não trabalha ou é amigo da banda ou ganhou ingresso de graça. Deve ter mais alguém do escritório.

O show começa e me entrego ao som do sax, baixo, bateria e às luzes coloridas, o teatro é tomado de um azul intenso e lembro do Rip, meu peixe que morreu por falta de comida, meu companheiro de dieta não aguentou o sacrifício. Graças a ele resisti aos impulsos de comprar refrigerantes e amendoins na banca do Armando. Consegui me controlar durante uma semana e desisti assim que ele morreu, não queria acabar como ele. Dizem que peixe dado em festinha é igual pintinho de quermesse, não dura mesmo, são filhotes destinados a uma vida breve. Excelente experiência de desapego para crianças pequenas, bom treino para saber

que não sobra ninguém e que em algum momento você vai ter que encarar a morte. Não lembro se minha mãe fez esse exercício comigo. Vou comprar uma cacatua quando ela se for e ensinar o bicho a dizer Irene ri, quero ver Irene dar sua risada. Minha mãe devia ter ódio da música, mas sempre achou graça, se sente especial por ter algo com seu nome, mesmo sabendo que nasceu antes da letra. Mamãe não ri, mas gosta de ter uma música pra ela. Dona Irene olhou o bebê gordo que saiu da sua vagina e pensou que também ia gostar de ter uma música, a primeira conexão mãe e filha. Eu não gosto, prefiro sons que me deixem pensar sozinha, sem letra sugerindo uma história pronta.

Preciso fazer uma visita para mamãe, vou passar no Armando e comprar alguma coisa. Armando me conhece, dou boa-noite e ele sabe como estou, oferece cruzadas, comenta sobre as revistas de viagens. “Oi, Mada, essa daqui está imperdível, uma edição sobre Lucca na Itália, uma cidade que mantém sua fortaleza intacta”. A minha também está, Armando, intacta. Levo revistas e cruzadas para Dona Irene mesmo sabendo que ficarão no sofá da sala como as muralhas da cidade e depois de algum tempo pego emprestado. Gosto desse combinado, dou uma chance para as surpresas no caminho.

Uma vez, abri o passatempo e o jogo dos sete erros estava feito, mamãe tinha marcado muitos erros, eram cru- zes vermelhas nos dois desenhos, ela tinha descoberto mais

defeitos e diferenças que os próprios desenhistas. Achei bonito. Ela estava certa, eram detalhes que passaram despercebidos para aqueles que não se atentam às sutilezas, para quem não busca a perfeição das formas, dos contornos, até um simples jogo deve manter a rigidez como meus cabelos esticados a vida inteira com o gel bozzano super fixação. Os cabelos sem um único fio fora do lugar, a dor de cabeça no fim do dia e o alívio de agora. O solo do baterista me instiga a chacoalhar os cabelos soltos e sorrio. Sinto a mão do vizinho de show encostar na minha. Estamos os dois batucando nas pernas, quando o dedinho dele relata no meu e sou delicadamente invadida pelo meu clone. Fingimos que nada acontece e volto para o Armando que muitas vezes lamentei que fosse casado com a Regina, uma mulher incrível que me encanta pela gargalhada larga, que não teme os problemas, uma confiança plena na vida. Bem que eu poderia namorar os dois ao mesmo tempo, mas acho que eles não estão a fim. A transa deles deve ser linda. Armando recitando manchetes dos jornais e Regina gargalhando, Armando perguntando qual a palavra de quatro letras que estão fazendo agora e Regina soletrando sexo. Armando me trata bem porque eu compro, sou uma cliente fiel, acho que sente pena de mim, eu que tenho pena dele, passa boa parte do dia preso em uma lata, sendo consumido ora pelo calor insuportável ora pelo frio que entra pelas frestas. Trabalha em um lugar que nem banheiro tem. Eu detesto meu trabalho, mas tem banheiro,

copa, intervalo, festinhas, ingressos gratuitos e ainda tem o metrô que me leva direto para a minha quitinete no centro da cidade. Pena que mamãe não gosta de ir ao centro, Armando e Regina iriam gostar dela. A música se intensifica e eu disfarço para coçar minhas coxas sem que as pessoas achem que eu estou com pulga ou tique.

O show avança e a iluminação forma frases dançantes semelhantes às projetadas perto de casa. Agora ilustram tudo nas laterais dos prédios, melhor que pichação. Dou uma boa cafungada no ar para ver se o homem ao meu lado tem cheiro bom, não sinto nada. Olho para baixo e vejo suas meias estampadas, continuo a olhar enquanto as luzes do teatro vão mudando de cor. Amo meias divertidas, a sociologia por debaixo dos panos, o animado disfarçado, o gracioso discreto. Cruzo minhas pernas, quero ver qual meia que estou usando. Ele de alienígena verde. Eu de quebra-cabeça colorido.

Já imagino a gente só de meias, os dois pelados, deitados no chão da minha casa, conversando sobre promoções e lojas, quais meias temos em comum, quais são as mais gostosas de usar, aquelas que o tecido abraça o pé, aquelas que a gente curte mais, quantas a gente já perdeu no mistério da máquina de lavar. Imagina se ele tiver um pé de uma meia e eu o outro, olho de novo para baixo e calculo se calçamos o mesmo número, deve ser, de qualquer forma sempre compro meias que vão do trinta e nove a quarenta e quatro. Penso

que deveria ter vindo com uma mais emblemática, essa de quebra-cabeça não causa efeito. Se ele quiser ver qual eu estou usando, não vai ser bom. Tudo bem, vai dar certo, vai combinar, se bem que da última vez que conheci alguém eu estava na praia. O Toni foi o lance da altura, um encaixe tipo lego, uma delícia sem fim. Fui descobrir depois que usava meias com frases em inglês e sempre fazia a piada das meias-verdades. Me desinteressei assim que a coleção começou a se repetir. Quanto mais *no bad vibes*, mais eu me enchia dele, pobre Toni.

Não consigo cumprir nenhuma promessa. Voltei a comer doces, a gastar mais do que tenho, agora estou aqui, prestes a sabotar meu ano sabático sem sexo.

O show acaba e nos levantamos para os aplausos finais e antes das luzes frias fico pensando em como farei o convite. Meias, música, política. Encaro o vizinho e ele me encara de volta sem se assustar com minha aproximação, o que me encoraja a iniciar a conversa.

– Gostei de suas meias. Acredita em aliens? – solto, olhando para seus pés, enquanto ponho minha mochila nas costas. Ele parece não entender e eu aponto para seus pés.

– Sem dúvida! Você não? – responde sorrindo.

Tem dentes bonitos. Não sei se confio em pessoas com dentes tão brancos.

– Só não acredito em coincidências – digo, e me apresento. – Mada, tudo bem?

– Oi, Mada, Zeca. – Me dá um beijo no rosto e pega o celular.

Eu fico parada na frente dele, enquanto ele digita algo. Tenho a oportunidade de olhar detalhes sem constrangimento. A camiseta preta suja de comida, a calça jeans usada. Zeca demora no celular e eu acho que é um sinal para ir embora. Tento desgrudar o tecido das coxas e aproveito para dar uma leve coçada. Ele para de digitar e olha em direção aos meus seios, abaixo a cabeça junto e percebo que meus peitos não são a atração do momento, minha camiseta tem restos de pasta de dente.

Ficamos em silêncio, eu lambo os dedos para limpar a mancha branca da blusa e Zeca retoma a conversa.

– Conhece alguém da banda? O baterista é meu irmão. Eles não fazem muitos shows. Banda instrumental não tem muita chance, né?

– Não conhecia. Ganhei o ingresso no escritório que trabalho. Gostei bastante, vou ver se sigo eles depois.

Enquanto eu falava, o irmão apareceu e deu um abraço no Zeca.

– Vamos tomar uma agora. Quer ir? – me convida com um sorriso de canto de boca.

– Não sei, acho melhor não, tô precisando ir para casa. Se quiser pegar meu telefone, a gente marca uma conversa sobre meias e aliens.

Zeca levanta as sobrancelhas e parece gostar da ideia, abre os contatos do celular para anotar meu número.

– Me manda uma mensagem e eu anoto o seu – digo, olhando para ele e para o irmão, que também se parece com a gente.

Ele concorda, escreve algo, guarda o celular no bolso e me dá um outro beijo.

– Vamos marcar, tá? – Sai abraçado no irmão.

Já na porta do teatro sinto um arrepio e a brisa gelada da noite me faz bem. Caminho até o metrô sem ter coragem de olhar para o celular, quero mandar mensagem para aquele homem cabeludo. Na plataforma, abro o aplicativo e vejo seu recado.

Oócitos

Tatiana Heide

ficção •

São 11 horas da manhã e Betina está ajoelhada na garagem subterrânea do prédio procurando o encaixe das calotas. Depois de sete semanas, conseguiu resolver o financiamento do carro. Faltavam dois terços das parcelas que ele colocou em seu nome enquanto a chamava de meu amor. A situação ficou tão insustentável que ela teve de assumir as despesas.

Seguiu a indicação do vizinho da sua tia materna que trabalha com automóveis, e decidiu fazer o anúncio num portal de vendas. Era preciso resolver tudo o mais rápido possível. Em 3 meses, completaria 35 anos, a consulta já estava agendada e ela precisava do dinheiro.

Na garagem mal iluminada do prédio, como são as garagens subterrâneas, fotografou o carro com o smartphone enquadrando a porta traseira, janelas e as calotas destruídas pela desatenção dele. Lembrou-se das incontáveis

discussões dentro daquele veículo e do descuido nas bali-
zas em que ele ralava as calotas. Agora elas pioravam ainda
mais a aparência do carro. Assim, decidiu que removê-las
era a melhor solução para as fotos.

Ajoelhada, lembrou-se do seu tempo de fotógrafa. Foi
uma pena ter vendido sua máquina profissional, pois ela
garantiria imagens infinitamente melhores, sobretudo em
baixa luminosidade. Entretanto, com a venda, ela conseguiu
complementar o valor do processo de congelamento qui-
tando a parte dos hormônios. Betina não estava 100% certa
de que ia utilizar os óvulos, mas estava 100% certa de que
deveria congelá-los. *Trintou, congelou*. Os médicos disseram-
-lhe que esta era a última janela de óvulos saudáveis para o
procedimento. *Não ter Filhos Deve ser uma Opção, e Não uma
Falta de Opção. A jornada da Preservação da Fertilidade começa
com um Passo. Dê o Primeiro*. Foi a frase que pulou na sua tela
quando procurou no Google uma clínica para seguir adiante
com sua ideia. Primeiro, ela reparou numa vírgula fora de
lugar, depois não entendia por que as palavras “deve”, “op-
ção”, “não”, e “falta” começavam com letra maiúscula. Será
que era uma empresa de fachada? Será que na verdade não
faz procedimento algum e apenas captura velhas-jovens an-
siosas diante da ideia de se tornarem inférteis um dia? En-
quanto ela pesquisava sobre casos de morte em clínicas de
congelamento de óvulos, se deu conta de que há menos de 4
anos fazia o oposto, fazia de tudo para não engravidar. Até

aquele momento havia usado todos os métodos contraceptivos possíveis e quase se automedicou com Cytotec quando engravidou uma única vez, mas acabou não precisando porque o embrião não evoluiu. O remédio, comprado com a ajuda de uma amiga, ficou na gaveta e talvez ainda estivesse por lá. Sem um resultado alarmante sobre casos de morte por congelamento, retornou à pesquisa por clínicas e clicou. Na sua frente surgiu uma mulher branca de avental com nariz plastificado, cabelos com mechas loiras e raiz escura. Olhava para a câmera com um meio sorriso de lábios finos apoiada descontraidamente sobre uma máquina moderna de ultrassom. Se perguntou se deixaria que aquela mulher a sedasse e enfiasse um longo e fino aspirador através da sua vulva, útero, trompas e sugasse gemas amarelas de seu corpo.

Ativada pelo sensor de movimento, a luz da garagem se apagava antes que Betina pudesse encontrar o encaixe das calotas. A garagem era como uma imensa caixa escura iluminada automaticamente por frias lâmpadas de led. Distraída em seus pensamentos, ela já havia levantado uma série de vezes chacoalhando os braços, no meio do estacionamento, mirando o sensor mais próximo. A cada agachamento para o desencaixe das calotas, ela remoía aquela separação que não arruinava apenas suas economias, mas todo seu projeto de futuro. Ela pensava agora em quanto tempo precisaria para conhecer, se apaixonar, desenvolver uma relação de confiança e conseguir engravidar naturalmente. Não daria tempo.

Talvez fosse tarde demais. O investimento era alto, mas, consumida de ansiedade, estava certa de que o investimento faria bem para a família dela no futuro e para sua saúde mental. Era necessário livrar-se daquele carro endividado com urgência! Levantou-se rapidamente para ativar o sensor mais uma vez no centro do estacionamento, e enquanto balançava os braços sem sucesso, ainda um pouco tonta pelo movimento brusco, ouviu o barulho do portão eletrônico para entrada e saída de carros. Olhou na direção do som e sentiu a explosão de luz concentrada na entrada da garagem escura. Fixou os olhos naquele portal luminoso que se abria de baixo para cima e, como um chamado de iluminação, desejou penetrá-lo para sair no Jardim das Delícias Terrenas, sentir os pés na grama, colher mangas do pé, sem carros, sem burocracias, sem rompimentos amorosos. Inesperadamente, viu-se nadando em água translúcida e fresca, nua, ao lado de imensos pássaros, corujas e animais selvagens que comem na nossa mão frutos vermelhos e roxos, abundantes naquele lugar. Bebidas mágicas sendo servidas em jarros com escamas azuis. Permaneceu assim com o olhar fixo flutuando no jardim cor-de-rosa, verde-pastel, observando a revoada das aves, enquanto pessoas deitadas nos gramados sorriem ao sol e semideuses com rabos de sereia ou asas navegam sobre peixes alados. Há danças coletivas, há o barulho das águas, alaúdes, charamelas e o apito alto do pneu contra o chão. O apito alto do pneu contra o chão foi o que

ela ouviu de súbito antes de lançar-se gritando sobre um Vectra branco estacionado logo ao lado. O smartphone voou para algum lugar e ela rolou no capô do carro estacionado.

O motorista parou seu carro de um solavanco com uma puxada no freio de mão e saiu de imediato em socorro dela. Reconheceu a vizinha do décimo terceiro paralisada pelo susto. Com os olhos esbugalhados, ela olhava catatônica para o chão. Respirava com intensidade sem entender o que havia acontecido. “Você se machucou?”, ele perguntou enquanto lhe oferecia o braço como apoio para descer. Ela não respondia, mas apoiou-se sobre seus braços e sentou-se no banco com as pernas para fora do carro do vizinho que quase a havia atropelado.

Jerônimo era o morador do décimo primeiro andar. Haviam se cruzado algumas vezes no elevador. Entre as tradicionais conversas sobre o clima, descobriram que ambos eram fotógrafos – isto antes dela abandonar a profissão. Jerônimo se tornou uma pequena piada interna para Betina, que muitas vezes brincava de encontrar o vizinho gostoso do décimo primeiro em noites solitárias, quando ia buscar a pizza do delivery. Ela ria na frente do espelho fingindo tocar na sua casa com uma pizza na mão, dizendo “e aí? quer uma pizza, brotinho?”. Ou também pensava nele quando saía de casa nervosa, depois de brigar com o namorado: você vai ver, vou encontrar o vizinho do décimo primeiro, seu babaca. É verdade que nunca havia falado isso em voz alta, mas era sua

única aposta no prédio do centro da cidade, para onde havia se mudado ainda solteira, quando veio direto do interior.

Ao reconhecer o vizinho que a acalmava, recobrou a lucidez com mais ânimo, e em segundos já se preocupava com a situação de seus cabelos, da roupa e do smartphone. “Onde será que está meu celular? Ele voou da minha mão.” Jerônimo saiu varrendo o chão da garagem com os olhos e abaixou-se em busca do aparelho. Betina reparava na cueca que escapava da cintura da calça. Será que sua atração era apenas por aquele corpo ou havia uma química oculta entre eles? O smartphone estava espatifado embaixo do Vectra. “O que você fazia paralisada no meio da garagem? Me desculpe, mas jamais imaginei que alguém estivesse no meio da pista. Você se machucou?”, perguntou Jerônimo, agachado na sua frente. Ela ficou sem resposta, balançando a cabeça com as sobrancelhas erguidas, até que disse sem excessos nem expressão, mantendo os olhos fixos no chão: “eu estava tentando ativar a luz, ela apaga toda hora e eu preciso tirar fotos do meu carro”. Ela sentiu um imenso cansaço em lhe explicar toda a história, disse que por sorte não sentia dor nenhuma e apenas apontou seu carro no outro canto daquele lugar cinza que cheirava a pneu queimado. “Eu tô fodida, porque agora, além de precisar comprar um celular novo, não sei mais como vou tirar as fotos”. completou. “Você não é fotógrafa?”. indagou ele. “Eu era, mas já faz um ano que mudei de ramo, sou psicóloga agora.”

Betina explicou a situação da dívida do carro sem entrar em detalhes. Perguntou se ele sabia o melhor lugar para anunciar. Ele disse que não, mas se ofereceu para fazer as fotos, e assim, pelo menos, se desculpava pelo ocorrido. Betina aceitou forjando um sorriso tímido, mas durante essa conversa ela já fazia as contas: se eles comessem um relacionamento naquele dia, em três meses otimistas poderiam estar morando juntos, e em 6, depois de conhecer a família dele, ela poderia pensar em engravidar, ou talvez fosse melhor esperar o consultório engatar.

Jerônimo subiu no capô do carro como uma gazela saltitante e ligou uma chave no dispositivo que mantinha a luz acesa. Estacionou o carro e tirou seu equipamento. Betina indicou seu automóvel. Enquanto ele ajustava o fotômetro, ela explicou o problema das calotas. Ele mostrou os encaixes; empilharam os quatro discos redondos ao lado do carro.

Jerônimo e Betina fotografaram o carro em ângulos abertos e nos detalhes. Mesmo com a luz fraca, ele conseguiu regular a abertura da câmera, e as fotos pareciam suficientes para o anúncio. Nesse vaivém de fotos ao redor do veículo, mãos e cotovelos e dedos e olhares se cruzaram algumas vezes. Ele a deixou fotografar para matar a saudade. Ela se exibiu empunhando a câmera e fazendo posições que pareciam mais importantes do que na verdade eram.

Enquanto Jerônimo checava a qualidade das fotos afastando o visor do rosto, Betina pediu para ele fotografar

alguns detalhes dentro do veículo, pois mesmo com os arranhões por fora, era um carro novo, foi comprado durante aquele namoro que não deu certo. Ao entrarem no automóvel, se aproximaram, ela sentiu um cheiro bom emanando do seu pescoço e deu uma fungada de olhos fechados. Ele se virou. E se beijaram. Em instantes, os dois estavam deitados no banco traseiro do veículo. Antes de tirar o sutiã, Betina sentiu-se constrangida com a luz acesa e a falta de intimidade. Olhou para o dispositivo de luz e sentiu raiva porque agora queria que a luz se apagasse. Ele a beijava e ela mirava obliquamente aquele aparelhinho de captação de movimento. Irritada, se dividia entre o desejo de finalmente trepar com o gostoso do décimo primeiro – e talvez resolver aquela querela toda – e o desejo que a luz se apagasse para ficar nua sem preocupações.

Entre o incômodo e o desejo, se entregou ao prazer. Quem sabe, resolveria todos os seus problemas ali mesmo. Talvez fosse sua grande chance de dar um tapa na vida. Ela deu um tapa na bunda dele; excitada, lambia o fotógrafo; ambos suavam. Ela agora pensava que não precisaria nem mais vender o carro. Quem sabe, ela engravidava ali. Talvez fosse importante para levar a criança para passear. Era o destino lhe dando uma chance. Com as pernas abertas, molhada e o pau daquele homem dentro dela, foi navegando em seu útero, trompas e penetrou seus ovários como fazem os casais do jardim das delícias. Viu-se

numa egrégora transparente sobre o rio com o grunhido de aves fantásticas sobre eles. Como era bom. Foi tomada novamente pela vontade de vender o automóvel, porque mesmo que eles comessem a namorar ela não estava preparada para ser mãe agora. Trintou, congelou. Sentia-se jovem ainda, uma adolescente, quase. Tinha tanto para viver, queria viajar para fora do país, imagina, uma passagem com crianças é caríssima. Estabilidade financeira em letras garrafais. Enquanto ele a penetrava, ela imaginava o escapamento do carro ligado penetrando seu corpo como o aspirador de óvulos, e as calotas seus ovócitos maduros, girando sobre ela como uma dança de calotas ovulares. Oócitos, oócitos. Criopreservação de oócitos, ela se lembrava de todos os termos técnicos que havia aprendido nas consultas. Da bomba de hormônio que tinha começado a tomar para catalisar a liberação de oócitos. Jerônimo começou a penetrar mais fundo e ela pensando em quantas dúzias de minigemas de ovo seriam retiradas dela. Jerônimo enfiava seu corpo e ela pensava 10, 15, 20 ovinhos amarelos minúsculos vão ser congelados. Ela tinha 5 mil reais e o procedimento custava 20 mil, além da entrada que ela já tinha dado para tomar os hormônios. Ela se lembrou das brigas dentro do veículo com o namorado que sempre dirigia acima da velocidade, o que lhe custou a suspensão da carteira de motorista; lembrou-se da lista de nomes para os filhos que um dia teriam, lembrou-se novamente das multas. Ela

detestava o jeito como ele dirigia, ela gostava do pau do vizinho. As calotas girando. Jerônimo aumentava o ritmo da sua penetração, ela apertava suas nádegas com a mão de graxa e comprimia o rosto pensando que com certeza estava engravidando, que era isso, que não poderia ser isso. Jerônimo se espremia dentro dela, e ela, certa de que teria de usar o dinheiro do carro para o aborto clandestino ou será que o Cytotec ainda estava na validade? Jerônimo deu um grunhido e ela viu as calotas girando, os pássaros do paraíso, o escapamento bufando, o Cytotec vencido e pensou que teria aquela criança. Jerônimo gozou e ela sentiu o peso daquele homem cair sobre ela com o escapamento, os pássaros e as calotas giratórias. Agora havia apenas o estranho e pesado vizinho sobre ela feito um búfalo desmaiado na beira do riacho.

Envergonhada sob as luzes acesas, ela tentou se vestir o mais rápido que pôde naquele espaço apertado. Era difícil. Um carro cantou os pneus, passou na sua frente e seguiu. Em um instante, Jerônimo vestiu a calça e deixou a camiseta apoiada no ombro. Ouviu o barulho de vizinhos que entraram em algum carro próximo, algumas vagas à esquerda. Eram os moradores do vigésimo quinto, conhecidos pelas terríveis brigas que ecoavam pelo elevador. Ela esperou ouvir o barulho do motor para a partida do carro, mas não ouviu nada, nem viu o carro sair. Sentia-se exausta e claustrofóbica naquele espaço. Jerônimo guardou a câmera na sacola

e pediu: “Me fala seu e-mail?”. “E-mail?”, perguntou Betina, enquanto se vestia. “Para te enviar as fotos”. Ele anotou o email dela no celular e se despediu com um beijo no rosto e uma piscadinha. Quando ela terminava de fechar a calça, viu a enorme poça de esperma que se esparramou sobre o banco traseiro, deixando uma marca.

Betina, ajoelhada, encaixa as calotas uma por uma nas rodas do veículo. Daqui a três meses ela completa 35 anos e deve preservar a janela. Ela precisa subir, fazer a descrição do automóvel e ligar para sua médica. Ela precisa saber se há problemas em ingerir a pílula do dia seguinte com o uso dos hormônios para o congelamento. Betina, tem muito para viver e, ao mesmo tempo, já é tarde. Se afasta do carro e não sabe que horas são. Betina quer pagar o preço de seu tempo, 20 mil, e ela acredita que um dia vai saber a hora certa. E quando esse dia chegar, vai abrir uma geladeirinha com gemas enfileiradas, velhas, mas conservadas como ela, e vai colocá-las dentro de seu corpo. Quando esse dia chegar, talvez precise pagar pelo esperma. Não vai pensar nisso agora, ela é racional: anunciar o carro, tomar a pílula e apagar as marcas.

A intérprete

Dri Kimura

ficção •

Cecília me pagou pela diária completa, mas partimos só depois do almoço, no barco menor. Ela já estava no assento do meio, à sombra do toldo, olhando para frente, enquanto eu abastecia. Usava óculos de sol e carregava apenas as roupas do corpo.

– Bom dia, Cecília, seja bem-vinda ao Delta. Meu nome é Lúcia e estarei com você ao longo de toda a experiência, garantindo o melhor aproveitamento do seu tempo no passeio. Teremos três paradas para banho e uma passagem pelo restaurante da vila de pescadores...

– Eu gostaria de visitar um dos igarapés e depois ir ao Ponto da Revoadá.

– Você é quem manda. – E os clientes mandavam mesmo.

Tivemos muitas crianças naquela temporada. Os pais pareciam convencidos de que os filhos deviam crescer na natureza como o definitivo projeto de futuro, e nossos pacotes

passaram a incluir os programas de narração pedagógica, divididos por faixa etária e nível de atenção. O que mais vendia era o tour matrimonial-recreativo, em que o casal passava por uma sessão de naturoterapia conforme o fluxo do rio, enquanto outro monitor ia na parte de trás do barco capturando pequenas criaturas aquáticas em um pote de vidro, para que as crianças pudessem apontar os dedinhos e vê-las de perto.

– Imaginem vocês que, no caso dos cavalos-marinhos, os machos é que engravidam e cuidam dos filhotes –, dizia o recreador sênior do meu squad, que sempre preferiu os pequenos, também porque tinha um dom de fingir as vozinhas de sapos e caranguejos quando o déficit de atenção pesava.

Sem olhar para trás ou fazer perguntas, ela fez o percurso praticamente imóvel e em silêncio até chegarmos ao igarapé. Também não reagiu quando apontei as pinças vermelhinhas dos caranguejos apressados:

– Esses são os responsáveis pela coloração dos guarás. Imagine se ficássemos vermelhas de tanto comer caranguejo...

Ela abriu a mão na minha direção – pedindo que eu parasse de falar, suponho.

Os clientes eram mais fáceis de impressionar quando crianças, quanto mais novos fossem, quando queriam pegar com as mãos, sentir com a língua e fazer todo tipo de pergunta a partir da pouca referência que tinham. Mas,

também podiam ser precocemente digitalizados, tentando tristemente dar zoom em fotos de revista impressa, deslizando e afastando os dedinhos sobre o papel, dependentes de seus remédios para enjoo contra o balanço das embarcações e outras coisas que se mexiam demais no 3D da vida real. Muitos tinham asco do barro e pavor dos pequenos peixes que ondulavam nas margens enquanto bicavam a areia do fundo, como se pudessem fecundar o chão. O recreador falava sobre a inversão de papéis de gênero aquático-equino – e admito que as crianças pareciam extasiadas com a ideia: “o cavalo-marinho fica com um barrigão cheio de filhotinhos?”.

Além de não ser criança, Cecília não tinha nenhuma observação sobre encaminhamento da ficha de solicitação. Ficamos no pequeno barco, suspensas, boiando sobre o braço fino do rio que passava pelo túnel do bosque entrecortando a luz do sol. Só dá para entrar no igarapé com o menor dos barcos, e quem faz isso é por querer ver os bichos que lá se escondem. É verdade que, pra que eles apareçam, também é importante manter o silêncio. Fiquei pensando em como fazer meu trabalho e contribuir para o aproveitamento da experiência dela, que parecia muito bem como estava. Já não encontrávamos observadores com atenção original desde o meu primeiro ano no Delta.

Mudei para a região pela profissão, já que éramos poucos, mas naquela época tudo ainda era muito experimental.

Só se sabia que alguns testes com pessoas em situações-limite tinham rendido bons resultados. Os primeiros casos eram de condições incapacitantes para o exercício dos próprios trabalhos, mas também formaram grupos de pessoas em estado de privação do sono e outras que tinham colocado os filhos em situação de risco. O ramo da Interpretação de Natureza Guiada cresceu muito depois disso. Mas, independentemente das particularidades de cada condição, o que tinham em comum era não conseguirem passar mais de dez minutos fora da narração significativa.

Sem que eu conseguisse ajudar Cecília a se entreter, informar ou compreender, passaram-se longos minutos. Escutamos no silêncio do vento o piar e o coaxar, o amassar das folhas e o estalar dos galhos, o pingar no mato.

– É melhor a gente ir se encaminhando pra ilha dos guarás – alertei.

– Certo, o sol já está baixo – Cecília disse, como se ali ela fosse a especialista.

Eu conduzia muitos casais de férias orquestradas para uma segunda lua de mel no programa de prevenção ao divórcio, além de pessoas em estresse pós-traumático, que buscavam conexão com a própria natureza para saberem por onde recomeçar. Eles desciam o cais com as chinelas agarradas nas calhas enquanto os dedos dos pés avançavam sobre a madeira azul, saltitantes com o peso de um cooler abastecido, rolando para dentro do barco, onde terminavam

de esfregar filtro solar enquanto tentavam estabelecer conversas acima do ruído do motor. “Isso é que é vida”, eles mesmos se parabenizavam. Já não tínhamos barcos a remo, por conta da volta, que não convinha ser demorada. Depois do pôr do sol, era praticamente impossível conseguirmos aumentar a pontuação dos monitores. Alguns clientes voltavam extremamente bêbados, outros com o dever de gastar na lojinha, porque criança nenhuma perdoava o “na volta a gente compra.”

Havia uma praia para banho antes do Ponto da Revoadada. A embarcação-resort, que fluía lentamente, não parava para mergulhos. O falatório de umas dez pessoas se afastava no curso do rio ao som de Marcyinho Sensação, como um restaurante com bufê no domingo, abarrotado de famílias barulhentas, combinado ao ensejo de boiar em direção a um dia de praia entre primos, tios e avós. Foi uma versão mantida para o pacote básico, já que o próprio bioma impedia a permanência de pousadas ou outras construções fixas – de seis em seis horas, a região toda se alagava. As modalidades em balsa eram geralmente pra quem não conhecia os passeios do Delta e sua potência restauradora, ou transformadora – isso, a depender do público.

– Gostaria de dar um mergulho, Cecília?

Eu encorajava meus clientes a entrarem para molhar o cabelo e lavar as preocupações. “Nadem até o trecho por onde o rio sempre corre” – eu guiava. “Inclinem o rosto para

cima, deixando a água na linha das têmeoras e fechando uma circunferência por baixo do queixo, apenas olhos, boca e nariz para fora, percebam a diferença das temperaturas, pensem no que está abaixo da linha da água e o que vocês gostariam de cultivar dentro de si. Vejam o céu, de um azul sem dúvidas, emoldurado pela mata ciliar que joga sombras no brilho da água verde, um som de dentro do mar, abafado e em movimento”.

Quando eu dizia essas palavras, não era preciso elaborar muito com os adultos. Fazia uma contagem até cinco, ou dizia “três-dois-um” e isso funcionava para eles. “Já me sinto uma nova pessoa”, diziam.

Mas, também tinha quem se apegasse, como divulgaram nas redes, às perguntas de confirmação ao longo da experiência: – Aqui a água ainda é doce – me disse certa vez uma mulher na casa dos vinte anos, lambendo as bordas da própria boca após uma longa submersão. Então, expliquei o básico das marés, as cheias, os trechos de transição em água salobra, a força de corrente onde já era o deságue no mar salgado. Vi quando a moça se perdeu no olhar, distraída. E logo concluí: aqui é sempre doce.

– Vamos ao Ponto da Revoada, Lúcia, por favor. – Cecília não falou com impaciência, mas eu não queria correr o risco de ter uma avaliação ruim.

Liguei o motor e prosseguimos. Ancorei na ponta oposta da embarcação-restaurante, na linha dos barcos de

pequeno porte. De qualquer forma, era proibido emitir ruídos ou propagar música nos arredores da ilha, porque os pássaros poderiam se assustar.

– A qualquer momento, a partir de agora, você vai ver – eu disse.

– Não são muito de cantar, imagino.

– Mas são muito, muito bonitos.

– O que é bonito sobre eles? – Finalmente, ela me fez uma pergunta.

– Também conhecidos como íbis-escarlate, guará-vermelho, guará-rubro e guará-pitanga, os guarás são aves relativamente grandes e muito vermelhas.

– São bonitas por serem vermelhas?

– Acho que sim.

Cecília tirou os óculos de sol e então pude ver suas íris leitosas, as pupilas opacas, olhos sem fundo. Ela não enxergava.

– Mil perdões, mas não tinha nada no formulário a respeito de sua condição. Temos aqui intérpretes especializados para esse tipo de necessidade...

– O que têm os guarás serem vermelhos?

– Veja, Cecília, nós da agência sentimos muitíssimo pelo mal-entendido...

– Você não é guia?

– Com todo o respeito, Cecília, mas a Revoada é uma experiência bastante visual.

- Ouvi dizer. Mostre pra mim.
- Os guarás são pássaros vermelhos que vivem no arquipélago do Delta.
- E o que tem o vermelho?
- O vermelho se destaca contra o azul do céu.
- Já está acontecendo?
- Sim... Estão chegando em grupos de uns quatro a sete.
- Isso é bonito?
- É a Revoadada.
- Então, estão voltando.
- Bem, para cada coisa na vida, os guarás têm uma pequena ilha. Ali aprendem a voar, ali caçam, ali comem, ali criam filhotes. – Fiz uma pausa quando percebi. – Desculpe, estou apontando.
- Não tem problema. Eles têm uma ilha pra cada coisa.
- Sim, passam o dia se esbaldando por aí, devorando caranguejos em horário comercial, e depois voltam pra cá, porque essa ilha é livre de predadores. No alto dessas árvores, eles estão a salvo, mesmo chamando tanta atenção por serem tão vermelhos.
- Eles pousam nas árvores?
- Sim, florescem as árvores na ilha de dormir e batem suas asas no esconderijo a céu aberto, como se fossem o vento. E fazem tudo isso conforme o sol, e tudo isso juntos, e tudo isso sem saber, até o momento dramático de irem

descansar. São dessa cor pelo que comem, vivem desse jeito para não serem comidos vivos.

– E o que mais?

– Nunca foi combinado, mas eles vêm aqui todos os dias, na melhor hora do sol. São vistos no seu melhor vermelho e não fazem nada disso por querer. Eu não sei o que mais.

– É muito bonito.

O livro verde

Branca Lescher

ficção •

“**B**ranca, o livro está com você? Pode me devolver?” Levei um susto. “Ah, sim, o verde? Está no meu quarto, aos pés da minha cama. Não li, mas sei onde está.” Respondi rápido o que me veio à cabeça. Algumas pessoas na sala de aula riram. Fabrício Corsaletti, nosso professor, respondeu baixinho que não me perguntou onde estava o livro, mas só se estava comigo, e sorriu.

Fiquei sem graça. Fui para o intervalo, pensando. Ele vai me dar carona. Devolvo o livro de uma vez? Perguntei. “Tudo bem, semana que vem você me devolve”, ele respondeu.

Cheguei em casa. Estava lá o livro verde, intocado, aos pés da minha cama. Vou entregar sem ler? Resolvi experimentar. Não li a orelha, o prefácio, nada, fui direto pro texto. Gosto de deixar o prefácio e a orelha pra depois, quando o livro acaba e quero mais. Pelo título, *Vida desinteressante – Fragmentos e memórias*, presumi que o autor fosse um cara maduro, contando suas histórias.

Li algumas crônicas e chapei. Fiquei intrigada com a forma, os textos longos, com entrevistas, listas, conversas. Gostei muito. O autor, Victor Heringer, me pareceu maduro, culto, sabido.

No livro, ele entrevista a jovem poeta portuguesa Matilde Campilho. Na Flip de 2015, conheci a poesia e a poeta portuguesa e me encantei com ela. Com o jeito dela falar, com sua poesia tão espetacular. Nem imaginava, àquela altura, que iria me apaixonar por Portugal, anos depois.

Num determinado trecho, diz Matilde: “[...]” foi no Brasil que comecei a ler de verdade. A ler muito. Também porque foi só no Rio que eu fui entender qual era o tempo, o espaço e a importância da leitura. É certo que eu já poderia ter entendido isso antes, mas eu sempre sofri de um déficit de atenção danado”.

Me identifiquei. Depois de anos sem ler quase nada, voltei a ler muito. Não dá pra escrever e não ler. Tenho conhecido uma turma nova – cada autor, um novo amigo, me encontro neles, como agora com Victor e Matilde. Como também com São Paulo, com o Rio de Janeiro e com Lisboa.

Há um ano me divido entre São Paulo e o Rio. Não sei exatamente por quê, mas estar por lá faz todo o sentido agora. A luz de Lisboa ainda é uma promessa. No meu sonho de consumo, me divido entre as três cidades.

Cada vez que chego ao Rio, minha liberdade vem comigo, às vezes sossegada, em outras, angustiada. Victor fez

o caminho inverso, deixou o Rio por São Paulo, Matilde deixou Lisboa pelo Rio.

No meio do caminho da leitura fiquei curiosa pra saber mais sobre Victor, não aguentei esperar o final do livro. Fui ler a orelha. Ele morreu aos vinte e oito anos de idade. Procurei na internet e parece ter sido suicídio. Voltei às crônicas. Contaminada. Triste. Procurei pistas de melancolia, encontrei.

Lia e ao mesmo tempo pensava: “Por quê?”. Como, em tão pouco tempo, ele sabia tudo, escrevia tão bem? Tenho o dobro da idade dele quando morreu, já vivi um monte, mas tem tanta coisa que não li, que não sei, tanta coisa ainda por fazer, pra aprender. Por que ele não esperou mais um pouco? Escreveu mais um pouco?

Queria é que ele voltasse. Iríamos a um bar. Perguntaria como ele se sente em São Paulo, se entende por que preciso do Rio. A Matilde, diria que adoro seus poemas e que também fico confusa no Rio, que não entendo como é possível que o mar esteja de um lado e, também, do outro. Elogiaria a luz de Lisboa, que não deixa ninguém triste. Diria que o Rio de dentro do avião é perfeito, quando estamos aterrissando.

Numa das crônicas, Victor critica Rubem Braga por ter dito que o modernismo era uma bobagem e que havia condenado o voto feminino por achar que era um eleitorado carola. O Braga deve ter mudado de ideia ao longo da vida, tenho fé.

Quem sabe Fabrício fosse com a gente, defenderia o cronista: “O Braga nasceu em 1913, outra época, não é?”. Pra encerrar o assunto, depois de muita cerveja, Fabrício leria com gosto uma crônica de Rubem Braga, e a gente iria pra casa, feliz, dormir sossegada.

Branca Lescher (branca.lescher@uol.com.br) é mestre em Filosofia do Direito pela PUC-SP. Cantora e compositora, tem dois discos autorais: *Branca* e *Eu não existo*. Publicou *Fibromialgia*, seu primeiro livro de poemas, em 2016. Desde então, já participou de diversas coletâneas.

Solidez

Luiza Lorenzetti

ficção •

Minha vó está esquecendo. Desde que começou a esquecer, eu tento lembrar.

De como varria o quintal. Do vestido estampado que combinava com as flores do jardim. Da cantoria que preenchia a casa enquanto se ocupava dela. Dos sequilhos durante a Sessão da Tarde. Do jeito que tirava o miolo do pão. Da risada nas videocassetadas e dos gritos assistindo aos jogos de futebol.

Abro o portão de ferro branco e em poucos passos chego à porta da frente. A casa, feita nos anos 60, é de um amarelo-claro com pedrinhas marrons envernizadas no rodapé. Dois canteiros ficam enquadrados perfeitamente em frente a cada metade da casa. Rosas em um, estrelícias em outro. As folhas estão amareladas, e as flores, murchas. No pé do canteiro, dá pra ver os esqueletos das que já caíram.

Entro e sinto a casa fresca. As janelas abertas formam uma corrente de ar e fazem com que o sino dos ventos ecoe.

O piso de taco é brilhante e encerado. As paredes são de um tom de pêssego muito claro, como ela. As bochechas de minha vó têm cor de iogurte de pêssego.

Ando pelo corredor, repleto de fotos dela, do vô e de nós, e entro no quarto que um dia foi o de minhas bonecas no meio da tarde. Não era o quarto da vó. Agora é. Ela está ali, em uma cama hospitalar, com um robô de oxigênio ao lado, preso às narinas por um canudo transparente. Ouço o barulho borbulhante do oxigênio e me lembro dos copos com canudinhos que ela tinha em casa, que eu assoprava para fazer bolhas na água.

Sento na ponta de seus pés. Sempre quero saber o que ela pensa. Sempre pergunto. Hoje, ela diz que está pensando em nada. Eu digo que é impossível. Ela me encara. Eu digo que isso é meditar e que é muito bom, eu queria meditar. Ela diz que é ótimo e me joga um beijo. Ela joga beijo espremendo os olhos. Eu imito.

Se a idade for medida pela quantidade de memórias dentro da cabeça, uma avó sem lembranças é uma criança. Talvez a morte seja mais gentil para os esquecidos. Sem lembrança é mais fácil ir embora. Os lembrantes ficam presos embaixo da terra com raízes imensas. Os enterrados são os vivos, e a vó se desenterra cada dia mais.

Na TV, a reprise de uma novela a que já assistimos juntas. Agora, ela não interrompe os diálogos com comentários. Não faz observações. Não elogia a beleza do galã da

vez. Só assiste quietinha. Eu falo que vou pegar uma água. Quer que a vó pegue pra você? Querer, eu quero, vó. Só penso. Ela não lembra que não consegue se levantar da cama. Não precisa, vou aproveitar e procurar o vô.

Pego a água do filtro e vou para o quintal dos fundos. Ando pelo piso de caquinhos vermelhos; cada caco é uma memória que escorregou da cabeça da vó. Um pedaço cai e fica lá, sem jeito de colar. Depois cai outro. E outro. Meu avô se entristece com a bagunça. As partes dele estão quase todas inteiras.

Quase. Desde adolescente, vejo o mundo meio borrado. Impressionista. Herança do vô. O único da família a ver borrado como eu. O restante se orgulha dos olhos de água. Eu me orgulho de ver embaçadinho como ele. Enxergamos uma árvore do mesmo jeito. Ou pelo menos enxergávamos, antes dele corrigir a vista com a cirurgia. Nossa receita era a mesma: 3,75 no olho direito, 3,15 no olho esquerdo. Não foi por falta de dinheiro que resolvi me apoderar das armações dele. Parte de mim achava descolado ter armações vintage. Parte queria continuar a enxergar que nem o vô. E isso inclui partilhar das mesmas molduras.

Agora, o vô está bem surdo. Não tem cirurgia que resolva. Tem aparelho, mas ele é teimoso e não usa. Sempre achei que a surdez fosse infinitamente melhor que a cegueira. Acho que eu ainda acho melhor, só não sei se infinitamente.

O problema do aparelho auditivo é que um espirro se torna um barulho ensurdecador dentro da cabeça do vô. Ele enfia os aparelhos no ouvido e fica tenso com medo de qualquer som que possa ser ouvido como fogos de artifício.

O vô é um consertador. Conserta chuveiros, lâmpadas, estofados de cadeiras, encanamentos e as pequenas tristezas dos outros. Ele não entende como não consegue consertar a vô. Não quer escutar que algumas partes não voltam mais.

Encontro o vô na garagem. Ele está pintando os novos pés para a cama da vô. Quer tirar as rodinhas que ficam embaixo dela. Acha perigoso. Lembro quando tirou as rodinhas de minha bicicleta.

O vô sempre teve medo de esquecer. Ou só uma vontade muito grande de lembrar. Ele tirou muitas fotografias da vida. Depois, fez vídeos de tudo o que deu. Quando as fitas cassetes ficaram ultrapassadas, ele aprendeu a passar o material para o CD. Não queria perder nada. Acho que tenho isso dele, uma vontade muito grande de lembrar e um medo do mesmo tamanho de perder.

Um avô lembrante é um cinema sem espectador.

Pegamos algumas caixas de fotografia do armário e levamos até o quarto da vô. Sentado na beira da cama, o vô pega um retrato da vô criança cheio de gente em volta. Aponta para uma menina. Quem é essa mesmo? Ela não sabe mais.

Fico mais triste pelo que não consigo lembrar. Do que não consigo lembrar porque não sei. Agora, não tem mais

como eu saber das coisas que só a vó sabia. Tem coisa que o vô sabe, mas tem histórias que só pertenciam à vó. Essas não têm mais jeito de salvar do incêndio que acontece todo dia debaixo daqueles cachinhos brancos. Queria fazer uma restauração nas lembranças da vó.

Uma avó esquecida é um museu pegando fogo.

Almoço executivo

Camila Martins

ficção •

Dona Cleuza, como era conhecida no bairro da Água Branca, convocou os três filhos para um almoço extraordinário no meio da semana. Márcia, a mais velha, remarcou com má vontade as reuniões do início da tarde. Marcos, o do meio, morava com a mãe e deixou o bar da família aos cuidados da esposa. Já Mariana, a caçula, não perdia a oportunidade de comer a comida da mãe, sua preferida.

Sentada em uma das poltronas da sala com os cabelos bem presos em um coque, brincos dourados e roupas de sair, observava que os filhos falavam como se ela não estivesse ali. Tentou tomar a palavra uma, duas, três vezes, até que abriu a pequena bolsa entre as mãos e acendeu um cigarro com uma tragada bem longa, expulsando uma névoa pela boca.

“Que é isso, mamãe? Voltou a fumar?”, surpreendeu-se Márcia, largando uma mensagem de trabalho pela metade e encarando o horizonte pela primeira vez desde que chegou ali.

“Eu falei que ela não anda bem. Agora deu de fumar, depois de tanto tempo”, alertou Marcos.

“Nossa, gente, como vocês são chatos. Se importa se eu fumar também?”, provocou Mariana, indo sentar na poltrona vazia ao lado da mãe.

Dona Cleuza começou a fumar quando era só Cleuza, aos 14 anos, assim que foi trabalhar no bar da família. Entre as duas irmãs, foi a escolhida pelo pai para ajudar no batente. Tentou argumentar que gostaria de continuar estudando, quem sabe até fazer o magistério, mas logo foi convencida a servir o executivo, o refrigerante e a cerveja para os trabalhadores da vidreira, uma grande fábrica que empregava a maioria dos homens e mulheres do bairro. Foi lá, numa segunda-feira, dia de carne assada, que conheceu Zé.

O moço era quatro anos mais velho do que ela e chamava atenção pelo cabelo bem penteado e o jeito educado de cumprimentar as pessoas. Dois dias depois, quando o prato era macarronada com almôndegas, Zé voltou ao bar para falar com o pai de Cleuza. Já pedindo desculpas pelo incômodo, se aproximou do balcão onde o velho Avelino anotava os fiados que seriam acertados no final do mês. Disse que gostaria de convidar a menina para o baile do clube, na sexta à noite, mas só se fosse com sua permissão.

O que Zé não sabia era que o velho Avelino também cuidava dos bares do clube às sextas, sábados e domingos, e contava com a ajuda da filha para isso. Mas pela boa intenção

do rapaz, ela seria dispensada para acompanhá-lo na festa. Mais tarde, o pai a comunicaria do acerto.

“Olha só, a única maneira de chamar atenção de vocês é com um cigarro na boca, porque até agora ninguém nem perguntou como estou”, comentou Dona Cleuza, emprestando o isqueiro para a filha mais nova.

“Mamãe, estou cheia de problema no trabalho. Vamos ter um corte de colaboradores esta semana, vir aqui, neste horário, não foi fácil”, retrucou a filha do mundo corporativo. Dona Cleuza se levantou e caminhou firme até a cozinha. Voltou trazendo uma garrafa de cerveja e quatro copos. Serviu um para cada filho e deu o primeiro gole sem propor brinde. “Agradeço por ter conseguido um espaço na sua agenda, Márcia. Chamei vocês aqui porque tenho uma coisa importante para falar. A partir do mês que vem, quero morar sozinha”, foi andando até a cadeira em que o filho estava sentado e apoiou as duas mãos contornadas com queimaduras do fogão nos ombros dele; “Marcos, filho, você precisa arrumar um lugar pra ficar, já passou da hora”.

A filha mais nova não segurou a gargalhada e tentou remediar a atitude tampando a boca. O irmão enfurecido se esquivou da mãe e se virou para a irmã: “Cala a boca, Mariana, você é besta? Mãe, que história é essa de sair de casa, como assim? A senhora tá louca?”.

“Eu não aguento mais o barulho das crianças, suas brigas com a Carol, os problemas do bar. Quero dar um tempo de tudo

isso e morar sozinha”, Dona Cleuza foi mais uma vez para a cozinha, voltou carregando uma travessa de carne assada e fez um aceno para que Mariana fosse pegar o resto das coisas.

Márcia, sentada como uma chefe na cabeceira da mesa, também se levantou e foi ao encontro da mãe do outro lado. Tirou o garfo e a faca das mãos dela, como quem toma as rédeas da família, e começou a cortar a grande peça de carne, suficiente para alimentar dez pessoas e ainda sobrar para o repeteco. Marcos pegou o prato e o estendeu em direção à irmã mais velha.

“Você está achando que eu vou te servir? Jura? Esse menino é muito mal-acostumado.”

“Imagine como são os filhos dele”, disse a mãe, recusando o prato oferecido e acendendo outro cigarro na mesa de jantar.

Marcos foi se servir resmungando, as bochechas acesas. Quando voltou, enfiou um grande naco de carne na boca. Os respingos do molho atingiram a camiseta. Mastigava com agressividade, quase sem respirar. Tomou um gole de cerveja para ajudar a comida a descer e logo argumentou: “A única pessoa que me valorizava nessa família era o papai. Ele sabia que eu seria o único que ia cuidar de nossa herança, que ia cuidar de você até o final. Ele ia achar tudo isso um absurdo...”.

Já partindo para a segunda leva de carne assada, seu prato preferido, Mariana interrompeu o irmão: “Herança da

família? Hahahaha! Ai, Marcos, você é muito engraçado. Desde quando aquele bar é herança? Se vocês servem 15 executivos no dia é muito, você é que nunca foi de trabalhar mesmo.”

“Ah, claro, falou a doutoranda! Que porra de trabalho é o seu?”, devolveu Marcos, com o garfo apontado para a irmã, ostentando entre os dentes de metal uma batatinha dourada. “Você só aparece aqui pra filar a boia, dar risadinha, mas o que você faz pela sua mãe?”.

“Meu amor, minha mãe me criou pra ser independente, não pra ficar raspando a barriga atrás de balcão de bar”, ironizou.

Dona Cleuza alongava a coluna conforme o tom da discussão ia subindo, deixando à mostra o pescoço talhado com sulcos profundos, contornado pelo colar de pérolas usado apenas em ocasiões especiais. “Pode ser que o Zé fosse achar isso um absurdo, mesmo. Ele aprendeu direitinho com meu pai como manter todo mundo embaixo da asa dele, mas morreu há mais de três anos e eu ainda tô aqui”, disse, mostrando o desconforto de falar em voz alta o que se acostumou a abafar por tanto tempo.

“Bem irônico a senhora falar isso com um cigarro na boca”, disse Marcos, prosseguindo com o ataque.

Zé passou a ajudar o sogro nos bares do clube aos finais de semana e não demorou muito para o rapaz pedir demissão da vidreira. Enquanto a noiva servia as mesas e o velho Avelino cuidava das contas, ele fazia as compras do

estoque e entretinha a clientela com seu português cuidadoso e conhecimento sobre futebol. Quando a mãe de Cleuza morreu, a filha herdou as panelas e seu lugar na cozinha. Com o casamento, herdou também o Dona, um jeito de atrasar o próprio nome.

Foi ali, no bar, que Zé também acendeu seu primeiro cigarro. No começo, se incomodava com o cheiro, depois foi entendendo que aquele rolinho branco tinha relevância no ambiente. Oferecia um Minister antes de cobrar os fiados atrasados, falava com ele na boca durante as partidas de dominó, e o tinha como companhia enquanto esperava, impaciente, o último cliente, quando passou a atender até mais tarde. O turno da noite foi ideia da esposa já grávida do segundo filho, com o objetivo de fazer poupança para os estudos deles.

O diagnóstico de enfisema pulmonar veio 50 anos depois. Dona Cleuza insistia para que ele fosse ao médico a cada crise de tosse e falta de ar, até que ele não pôde mais se esquivar, depois de ficar de cama por uma simples gripe. O médico informou que a doença era silenciosa, traiçoeira, por isso o estágio já estava bem avançado. Zé voltou para casa com a recomendação de repouso e oxigênio complementar. No mesmo dia, Dona Cleuza viu Zé pegar todos os pacotes de cigarro, os abertos e os do estoque, colocar em um saco preto e levar até a lixeira da rua. Emudeceu sem a oportunidade de dar uma tragada de despedida e foi proibida de contar aos filhos sobre a sentença do pai.

Márcia, a mais velha, levantou-se mais uma vez da mesa e foi até a outra ponta, onde estava a mãe. Puxou uma cadeira, serviu mais um copo de cerveja para cada uma e falou como se já estivesse mediando o conflito trabalhista. “Por mais que eu não concorde com as escolhas do Marcos, e a senhora sabe disso, ter ele aqui é uma segurança. A senhora está com setenta anos, mãe. Em breve vai precisar de mais ajuda, mais cuidado. Já aguentou tanto tempo aqui em casa, por que não aguentar mais um pouco? Tenho certeza de que o papai gostaria disso.”

“Mamãe, você tem tomado seus remédios contra depressão?”, quis saber Mariana. “Mariana, lá vem você com essa história de remédio. Vocês são engraçados, sabia? Assim que o pai de vocês morreu, falaram que eu não podia me entregar, que ainda tinha tempo para fazer as coisas que eu quero. Quando, finalmente, falo do que quero, vocês me chamam de velha”, argumentou Dona Cleuza, apagando o cigarro no cinzeiro à sua frente. A caçula começou a recolher os pratos da mesa. “Se a mamãe diz que tá bem e quer morar sozinha pela primeira vez na vida, nossa obrigação é respeitar. Eu moro perto, a Márcia mora perto, tenho certeza de que o Marcos vai morar perto também. Se ela precisar de alguma coisa, é só ligar, e a gente vem”, concluiu, enquanto trazia da cozinha o pudim de leite.

“Mãe, pelo amor de Deus, morar sozinha? E a senhora tem lá idade pra esse tipo de coisa? E outra: você e a Carol

não cozinham todo dia lá no bar? Vai continuar vendo a gente do mesmo jeito”, insistiu o do meio.

“Vocês não estão entendendo. Minha decisão já está tomada. E tem mais...”, disse Dona Cleuza confiante, enquanto cortava o pudim. “Vocês precisam me ensinar a como pedir comida pelo celular, porque a partir de hoje eu não cozinho mais.”

Camila Martins (camissmartins@gmail.com) é paulistana, socióloga e atua como jornalista. Foi aluna do Clipe Poesia, na Casa das Rosas. *Três segundos de frente para o abismo* (Ed. Tamuatá) é seu livro de estreia.

Menu degustação

Keichi Maruyama

ficção •

Todo mundo já chegou? Sim, o trânsito hoje está horrível. Essa mesa redonda é ótima, ficaremos confortáveis. Olha, o menu degustação daqui é uma experiência única, sugiro pedirem o completo, pois, afinal, são as regras da casa: ou a mesa inteira adere ou todo mundo fica de fora, e se eu fosse vocês, não perderia essa chance. Na verdade, já tomei a liberdade de pedir para todos, não vão se arrepender. A primeira vez que vim aqui eu era bem mais velho que vocês, então considerem-se jovens de muita sorte, de poderem jantar em um restaurante tão premiado como esse, ouvi dizer que o chefe passou meses pesquisando temperos únicos dos nossos biomas, e de também poderem ter uma conversa aberta comigo, um dos líderes de nosso banco, com vocês, profissionais no começo da carreira. Oportunidades de mentoria são preciosas, acho esse tipo de experiência muito enriquecedora, não quero chocá-los logo

de início, mas sou daqueles que acreditam no valor de um papo franco, sabem? Acho que a primeira lição que gostaria de passar para vocês, essa salada de tubérculos desidratados é uma delícia, fatiam bem fininho, as batatas são do nosso continente, acreditam?, milhares de espécies, algumas delas colhidas especialmente para esse prato, mas o que quero dizer é que devem se preparar para essa jornada, será como atravessar um túnel submerso, e uma vez dentro, quase não dá tempo de respirar, na verdade, o que espera por vocês está mais para um canal de esgoto, aconselho apertarem as narinas, tomarem propulsão inicial, e nadarem conforme o estilo que mais convém a cada um, segurando a respiração durante toda a escuridão, vai ser úmido, haverá bateção de cabeça, o odor será desagradável, mas não subestimem a própria capacidade de engolir excrementos, uma hora vocês chegam do outro lado, são e salvos, e nada que um bom banho não resolva, pode sobrar o resto de alguma dúvida, sempre há alguma a nos acompanhar, mas acreditem, no final das contas ficarão felizes por terem passado por isso, é como um despertar, ficam apenas as memórias, de uma fase que foi necessária e acabou, e as realizações, essas, sim, importantes. Adoro aquele poema da estrada menos viajada, conhecem?, é muito inspirador, gosto de citá-lo sempre, é uma pena que não o tenha comigo agora, mas estar com vocês me deixa muito inspirado, um grupo tão diverso aqui reunido, ao redor dessa mesa, no meu tempo alguns de vocês

teriam de começar de maneira bem diferente, ou nem mesmo começar, aliás, por onde será que o Regi anda?, depois me lembrem de contar sobre ele, estou muito contente de vê-los, essa nova onda, jovens talentos escolhidos a dedo, representantes da nossa sociedade plural, tão variada quanto os ingredientes desse cardápio. Essa entrada é excelente, é uma espuma cítrica com algum ser do mar, sou péssimo em decorar os nomes corretos, se é camarão ou lagostim, pouco importa, já acabou, uma porção tão pequena, se desmanchou na boca, me lembra um molusco que cresce na costa de Portugal, algo nas ondas que quebram sobre os rochedos faz com que floresçam, as águas violentas banham esses seres que se parecem com pescocinhos de galinha, grudados nas rochas, valiosíssimos. Alguns caçadores tentam coletá-los, seguindo o ritmo do vaivém das ondas, penduram-se em cordas e mergulham, afundam e fogem, subindo no momento exato, antes do choque do mar com as pedras, alguns se descuidam e acabam se acidentando, é uma tarefa perigosa, mas muito recompensadora. Adoro analogias, percebem?, não sei se há alguma entre a caça arriscada e nosso trabalho, a recompensa depende da vontade de cada um, o perigo é não querer, isso sim.

Me desculpem, estava respondendo a uma mensagem urgente. Já serviram mais uma entrada? Esse caldo fermentado tem acidez na medida certa, vocês sabiam que o prato ideal deve equilibrar quatro elementos?, o salgado, o ácido, a

gordura e o calor, a chave da boa culinária. Não me diga, você já esteve aqui? Sim, explicam isso alguns pratos mais à frente, ótima memória a sua. Falando em lembranças, vocês me fazem pensar em quando comecei a trabalhar em nosso banco. Vocês gostariam de ouvir essa história? Já morávamos no Rio há alguns anos, os parentes de mamãe tinham uma fazenda na Bahia, não éramos uma família grande, apenas três irmãos, mas depois de uma infância bem vivida em Salvador papai achou que teríamos uma melhor formação se todos viéssemos para a cidade onde ele havia crescido, e o apartamento vazio em Botafogo foi muito conveniente na época. Depois de formado em engenharia, fui logo apresentado ao seu Itamar, que abria um banco aqui em São Paulo. Sim, o mesmo Itamar Valente, nosso fundador, de quem vocês tanto ouviram falar, que descanse em paz. Nossos acionistas atuais, como vocês devem saber, são diversos, muitos deles da Ásia e do Oriente Médio. Naquele começo, com seu Itamar, eu trabalhava na mesa de investimentos, muito próximo dele, e o mundo era diferente: um bando de marmanjos de terno e gravata, passávamos o dia xingando, fumando e tomando decisões que reverberavam pelo país, e de noite saíamos por aí, aprontando, só o Regi que era diferente, não nos acompanhava nunca, dizia que levava muito tempo para chegar em casa, que tinha a família esperando. Esse pescado amazônico defumado é um dos meus pratos favoritos, e olha que não gosto muito de peixe de rio, às vezes fica um gosto ruim de terra na boca, não

fica? Em pouco tempo, nosso trabalho foi dando resultado, o banco crescendo, e minhas decisões de investimento chamando atenção de todos: eu combinava, além de coragem, intuição para anteceder o longo prazo, olfato apurado na tomada de decisões e frieza, crucial no nosso ambiente estressante. Seu Itamar costumava ser muito duro com todos, mas depois de um tempo, eu e o Regi viramos seus homens de confiança. Olha o prato principal chegando, é uma releitura de uma receita nordestina. Vocês sabem o que é o bode manteado? Depois de matar o bicho, a carcaça dele é desossada e aberta como um lençol, e depois de salgada fica secando ao sol em um varal. Aqui eles fazem parecer um carpaccio, o sabor fica suave, nem parece carne de bode. Vocês querem saber quem era o Regi? Era um sujeito brilhante, já trabalhava nas empresas de seu Itamar há um bom tempo, um batalhador, tinha vindo de algum lugar do sertão, começado como office-boy, e foi crescendo, até chegar ao meu lado, respeitado no mercado e participando de transações importantes, fazíamos uma dupla genial, era algo de se admirar. Um dia, seu Itamar nos chamou de lado, com uma oportunidade que poderia garantir o resultado do banco naquele ano. Me lembro disso até hoje, eu tinha acabado de chegar de um final de semana com papai e seus amigos em Botafogo. Estávamos eu e o Regi, fechados no escritório com ele, escutando atentamente: uma grande descoberta sobre as reservas de petróleo do país seria comunicada, e antes do anúncio havia a possibilidade de fazer duas

operações financeiras, cada uma com iguais chances de ganho ou prejuízo, a depender dos detalhes do achado, mas que em conjunto eram lucro garantido, a valorização de uma mais que compensaria a perda da outra. Seu Itamar precisava que escolhêssemos uma operação cada um, somente com a nossa credibilidade seria possível achar contrapartes para negociar e fechar a transação. Ele disse que não sabia o teor do comunicado que seria feito, e que teríamos de escolher a operação com base em nossa própria intuição. O Regi ficou titubeando, pensando demais em qual delas escolher, na possibilidade de ficar mal com outros do mercado, pensou até em dar para trás, mas seu Itamar foi firme, e exigiu que tomássemos uma posição. Eu fui rápido, e felizmente escolhi a operação rentável, deixando todos mais ricos, transformando nosso banco no que ele é hoje. Acredito que na vida, além de competente, você tem que ter sorte, e ter passado aquele fim de semana com os amigos de papai foi uma grande felicidade. O coitado do Regi ficou com a outra transação e se deu mal, tomou um prejuízo gigante, perdeu toda a confiança, muita gente ficou puta com ele. Sim, é o caso que saiu nos jornais na época, é o Reginaldo Martins, acusado de fraude, esse mesmo, você é realmente bom de memória, depois me lembre de falarmos, acho que tem vaga no meu staff. Voltando ao caso, somos uma instituição séria, cooperamos com as autoridades, apareceu até gente da bolsa americana para investigar o Regi, diziam que havíamos omitido informações-chave e enganado investi-

dores, mas não conseguiram provar nada, nem tinham como, não foi feito nada de errado, fizemos uma aposta, agarramos uma oportunidade, como qualquer outro faria, todos sabiam dos riscos envolvidos. O que aconteceu com o Regi? Teve que dar uma sumida, nós sempre cuidamos muito bem dos nossos, e o seu Itamar arranhou rapidamente algo para ele, em uma de suas propriedades no interior, negócios ligados à terra, acho que arrendando escavadeiras, abrindo valas, nunca mais ouvi falar, desapareceu, e o seu Itamar, sempre muito protetor, não permitiu que ninguém fosse atrás do Regi, uma pena, gostava dele, até hoje me pergunto por que nunca voltou a nos procurar. Com licença, um segundo, que os árabes estão ligando, essas chamadas no fuso deles são de matar.

Alguém ainda tem espaço para sobremesa? Essa aqui é doce e azedinha, ótima combinação. O cacau é de nossas fazendas, acabamos de virar produtores sustentáveis, é uma história muito bonita que posso contar em um próximo jantar. Por favor, não se acanhem, esses biscoitinhos são de comer. Eu adoro encerrar o jantar com um café. Não atrapalha meu sono, sempre dormi que nem um defunto, e não seria um cafezinho que mudaria isso. Aliás, me ensinaram uma técnica certa vez, nunca precisei, mas ouvi dizer que os soldados na guerra a usam para dormir: o importante é se concentrar em sua própria respiração, ignorando qualquer ruído da mente, tente focar no ar fluindo por suas narinas, respire lentamente, numa cadência constante, e expire com

calma, sentindo os músculos do corpo amolecendo, se desligando, um de cada vez, imagine um calor aconchegante, germinando nos pés, e gradualmente se expandindo pelas pernas, chegando em seu ventre, caminhando pelo tronco e braços, liberando a tensão de suas costas, esse mesmo calor agora irá atravessar seu pescoço, soltando o maxilar, chegando até o entorno dos seus olhos, aliviando os músculos da face. Agora, com a mente relaxada, é hora de deixar o vazio ir tomando conta, devagarzinho, até que mergulhe em um sono profundo.

Keichi Maruyama (dkeichi@gmail.com) nasceu no litoral paulista em 1983 e cresceu em Fortaleza. Trabalhou em banco e em consultoria e hoje escreve ficção.

Seis mulheres

Sylvia Mello

ficção •

A primeira mulher do dia sou eu mesma.

Recebo uma notícia que me atinge. Uma pessoa muito importante na minha história está na UTI. Corro para o hospital. Abraço sua companheira; a tristeza contida na compreensão do inevitável da vida, no entendimento que vem com os anos de que tudo tem um fim. Seria agora o fim de meu amigo? Quando seria meu fim? A gente pode escolher nosso próprio fim? Perguntas como estas se multiplicam tais quais células em expansão, ou bactérias numa solução favorável. De repente, a cabeça ferve e o ar falta, e não se sabe bem por quê, ou se sabe mas não se quer olhar para aquilo. Aí um dedinho do pé dá um encontrão violento em outro pé, o de uma mesa ou de um sofá, e destampa um choro. Uma enxurrada me sacode em soluços. A imagem do amigo e o que ele representa voltam

com força. São necessários minutos, muitos minutos, para que a calma e o silêncio cheguem.

A segunda mulher do dia se chama Sidineia. É com ela que falo, através do vidro da bilheteria do teatro, perguntando por ingressos para a peça que desejo ver naquela noite. “Tudo esgotado até o final da temporada”, ela avisa. “Tá fazendo bastante sucesso”. Começo a tentar me conformar com o reencontro frustrado com o teatro, depois de um período de ausência involuntária. Então, uma surpresa: o sorriso de Sidineia com uma alternativa. Sua delicadeza na fala me cativa: “Venha uma hora antes do espetáculo”, ela convida. “Não posso prometer, mas às vezes acontece de ter lugar vago, convidados que não aparecem”. Não quero criar expectativas, mas acredito e volto. Na hora marcada, meu namorado e eu estamos ali, com os dedos cruzados. Vejo Sidineia atrás do vidro, com seu sorriso. Antes que eu me apresente novamente ela já anuncia: “Fila D, excelentes lugares!”. Ela não sabe, mas fez meu dia. Agora é só entrar naquele templo sagrado e aguardar ser tocada.

A terceira mulher do dia é a atriz. Eu já a conhecia de outros espetáculos e ouvira falar bem deste trabalho em particular. Os sinais soam, as luzes se apagam e ela vai da plateia para o palco. Quebra o esperado. O texto é sobre histórias de pessoas. Algumas pessoas. Mas, também, todas as pessoas.

Meire, uma mulher brasileira, uma trabalhadora do interior do país, surge projetada numa enorme tela. Em se-

gundos, está ao vivo, no corpo e na voz da atriz, que domina o centro do palco. No entanto, a fala do marido rouba a cena. Cansado. Mal-humorado. Cadê meu jantar, que merda de mistura é essa? Não tá vendo que trabalhei o dia todo pra pôr comida no teu prato e é assim que cê me paga? Cê me paga. É uma mulher de merda mesmo. Bem que seu pai falou: “Pode levar essa aí e boa sorte. Já vai tarde. Aqui ela não prestou pra nada”. Cê não presta pra nada mesmo. Esse feijão tá salgado pra caralho. Será que não aprende nunca? Tá querendo me matar? Sabe que eu tenho pressão alta. Só pode. O médico me proibiu de comer salgado. Mas tu é tão chucra que nem isso entendeu. Ou tá te fazendo de sonsa? Não, sonsa tu já é. Burra que nem uma mula, uma porta. De que adianta falar com uma criatura como você? Não adianta nada, nada. Leva essa gorroba daqui e me traz um prato de comida decente. Faz um ovo mexido, sei lá. E me traz uma cachacinha e uma cerveja pra abrir o apetite. Tu que não faz nada de manhã até a noite não tem ideia do que é ralar o dia todo ouvindo uma encheção de saco atrás da outra. E que cabelo é esse? Agora que tô olhando na tua cara e vendo. Que porra é essa de trancinha vermelha? Quem é que mandou tu trançar o cabelo desse jeito? Tá louca? Tira isso da cabeça. Já. Não me interessa quanto tempo tu ficou fazendo essa porra. Quem mandou não me perguntar se podia? Não pode. Mulher minha não anda por aí parecendo uma cortina colorida. De onde tu tirou essa ideia? Deve ter sido daquela tua amiga que não vou com a cara. Só pode. A

Joana. Não é esse o nome daquela moreninha que tu conheceu no curso de enfermagem? Quem mandou inventar de fazer um curso? Já não tá feliz com o dinheiro que eu ponho nesta casa? Do que mais tu precisa? Eu não devia, não devia ter deixado tu ir fazer essa porra de curso. Vão colocando umas merdas na tua cachola vazia e dá nisso. Vai já tirar esse troço do cabelo. Não, péra, antes prepara meu jantar, sua vadia. Cala tua boca. Eu não quero ouvir reclamação. Levanta do chão. Foi só um tapinha de nada e cê já faz esse drama. Não me enche o saco senão te cubro de porrada, só que dessa vez vai ser pra valer. Para de chorar. Vem cá. Senta aqui comigo, eu deixo. Senta aqui no meu colo. Tô mandando. Cê entende que eu só faço isso porque eu te amo? Eu quero teu bem. Eu quero que tu seja respeitada, que ande na rua e as pessoas falem: olha lá a mulher do Serjão, uma mulher direita. Entende? Eu melhora você. Sem mim, cê não seria ninguém. Te dou ou não te dou do bom e do melhor? Cê precisa de um homem pra te dizer o que é certo. É assim. A vida é assim. Sempre foi. Não é agora que vai mudar. Para de chorar, já falei. Fala a verdade, você não é feliz com seu Serjão aqui? Hein? Dá um beijinho. Assim, me abraça, isso, chega mais perto minha gostosa, minha mulherzinha. Agora ajoelha. Assim. Ai, que delícia. Cê é muito boa nisso, muito boa. Devagar. Assim. Agora mais rápido, ui, anda, forte, ai, mais forte, mais forte, aiaiai, puta que pariu, que tesão, ai, já deu, sai. Traz meu jantar que essa falação já me cansou. Anda.

Depois veio Dinah. Incorporada na atriz, ela corre de um lado para o outro do palco, numa reprodução alucinada da rotina urbana. Não qualquer rotina. A rotina da mulher Dinah. Levanta, escova os dentes, toma banho, penteia o cabelo – esse cabelo tá horrível –, se maquia, se perfuma, se veste, prepara o café, acorda as crianças, prepara o lanche, prepara as mochilas, prepara a reunião com o chefe repetindo frases na cabeça, senta no computador, digita, digita, digita, mastiga um pedaço de pão, engole dois tragos de café, olha a hora, leva as crianças na escola, volta pra casa, pra tela, pra sua mesa de trabalho, digita, digita, digita, entra na reunião – esse cabelo tá horrível –, pega o carro, pega trânsito, pega fila no supermercado, pega o celular, liga no escritório e pega no pé da secretária, pega as crianças na escola, pega trânsito, pega todos os faróis fechados, pega leve com a reclamação do caçula, pega pesado com a mais velha e pede desculpas na sequência – não foi isso que eu quis dizer –, pega o celular pra conversar com a amiga e pega o número do acupunturista – aquela dor no pescoço está de morte –, pega um livro, lê uma página e pega no sono.

Quando a peça acaba, demoro a levantar.

Em um só dia a visita da morte iminente, da delicadeza, do abuso, do sofrimento, do estresse, do encontro, das pessoas. Histórias de pessoas.

A última mulher daquele dia sou novamente eu. Uma mulher transformada.

Grão

Arlete Mendes

ficção •

Cara ou coroa. Tanto faz. A moeda lançada para o alto não é a mesma? Não foi culpa tua, Fia. Quem é que haveria de saber? Essa dor vai te acompanhar, vai aonde você for. Quem se esconde de uma sina assim tão grande? Cuida. Olha pra cima, tá vendo? A gente é filho daquele pai ardido, desse mesmo sol que dá a vida, mas que também queima tudo a perder. Não é um milagre dele ter brotado toda sorte de bicho e de gente? Nosso trabalho é o que restou, a gente não pode esquecer dos ensinamentos do pai. “Viverás do suor do teu trabalho”. Foi o combinado, lembra? Não desmorona agora, mulher. Eu sei, é verdade. Cada um de nós, quando tomba, a gente se enterra um bocado junto, mas se firma no hoje, no cisco do agora. Olhar muito adiante desanima. Bota reparo no pequeno, no que já foi preparado, confia. A semente também é fê. E o que pode de pior acontecer, se já conhecemos todo tipo de desgraça?

Mas eu creio, e tu deve crer junto comigo, nossa bênção há de vir, e logo. Descansa um pouco dessa enxada, pegue água da moringa, te acalma. E quando a gente botar prumo nos eitos, você não chore, viu? Pode estorricar ainda mais a terra com o sal das lágrimas. Daí é que vira mau agouro, daí é que não vinga nada. O pão é sempre incerto, minha irmã, a certeza está no chão e naquele nosso pai que queima. Míngua logo esse desgosto, se apegas da enxada e faz dela teu prumo. Seca logo essas águas. A lavoura é caminho. Destino de cada um aqui, por fim, não é de adubar a terra? Nem por isso a gente deixa de seguir adiante, sempre em frente de coivara em coivara. Com sorte talvez brote algum sustento aos que virão. E depois, esse assentamento é tudo que a gente tem, plantar é tudo que a gente sabe. Tantos de nós que nunca tiveram a chance de possuir terra, eles se perderam em poeira para nada? Já faz tempo, mas num podemos é nunca esquecer. Tudo que a gente tem, a gente deve aos que tombaram primeiro.

A revolta do verme lá volve a terra, Gercino? Faz uma estria mínima, faz é cócega na barriga da terra. Somos vermes, vermes miúdos. Ê, meu irmão, crê demais, trabalha demais, pensa de menos. Como é possível eu me esquecer daquele dia de grito e de tiro, de choro e de sangue? Eu era menina, mas ainda me assombro. Os corpos estirados, enfileirados sem viço lá no barracão. Aqueles homens urubuzando nossos, atrás de foto. E as valas que tivemos de cavar?

Parecia não haver terra suficiente para acolher os mortos. Foi o primeiro adeus bruto. Ainda hoje sinto o cheiro da pólvora, penso que entranhou em mim e não sai mais. Nosso irmão não merecia aquilo. Nenhum de nós merecia. E eu te pergunto, Gercino, até quando vai perdurar a ceifa de nossas crianças? Se a discórdia estivesse findada naquele dia medonho, naquele dia infeliz que plantamos nosso Francisco em cova. Nosso Chiquinho, ainda tão menino... Mas num finda, Gercino, num finda é nunca. Repare, olhe bem no meu olho e me diga, se é que tem coragem, quem sossega a sede de sangue desses senhores? Deram uma trégua dessas mortes ruidosas só para maquinar outras nas surdinas. E pra muitos parece que já está tudo resolvido, ninguém mais se importa, ninguém mais se lembra desses Carajás. Além disso, depois da secura, da falta de dinheiro, quem de nós vai ter como sustentar o preparo, o plantio, a irrigação? Desde que nossa água foi arruinada, é só desgraça. Sem água, o que somos? O que é que sobra?

Prometeram empréstimo, Fia, é nossa hora. Se pai estivesse vivo, morreria só de ouvir essa tua ingratidão. Se esqueceu dele falando da penúria que era a vida na cidade? Quer dizer, nos barracos da cidade? Sem trabalho, sem casa, sem ter o que comer. Aqui ninguém está descoberto, o que se produz, se divide. Pode rarear, mas fome ninguém passa. E na cidade a gente é indigente, ninguém é por nós. Ainda que aqui haja o perigo desses uns que põem cabo na

vida de outros, ainda que aqui vigore a lei dessa gente torta, que qual diabo maquina dia e noite nossa partida, é só aqui nesse pedaço de chão que a vida faz sentido. Se a gente for embora eles vão conseguir o que estão querendo desde o massacre. Teimosia, Fia, a gente teima, não é? Se fincamos o pé, o perigo da bala fica menor. Se estamos juntos, o mal já não assusta tanto.

Diga por você, eu que nunca vou me acostumar. Vivo assombrada. Teimosia pode matar, Gercino. Vou me embora. Está feito. Chega. Desde que me entendo por gente, essa peleja com a terra e essa contenda contra os grandes só aumentam, é buraco sem fundo. Vai haver é nunca partilha justa. Nossa gente há de ser sempre renegada, no campo ou na cidade, tanto faz. Mas agora escolho a cidade. Lá pelo menos a bala é perdida, aqui ela tem destinatário. Prefiro morrer distraída, meu irmão. Aqui o desespero perpetuado me faz chorar sobre os eitos. Deve ser por isso que a terra está minguando, deve ser por minha causa. Repare, esse sol vai continuar castigando, a água vai continuar contaminada, a vida vai continuar minguada. Esses homens, os senhores de bem, são eternos e estão amoitados no tempo à espera do primeiro vacilo, de espingarda carregada, mirando para sempre sobre nossas cabeças.

Não, Fia, diga isto não! Se você partir, vai botar tudo a perder. Eu não dou conta sozinho. Se você se for vai ser a vitória deles. Nosso povo vai ficar desorientado, sem liderança.

Não desiste não. Olhe pras outras vidas que dependem de nós. Precisamos teimar. Juntos.

Juntos também a gente pode seguir outro rumo. Li-guei pro primo Afonso, ele abriu a porta pra gente. Rio de Janeiro. Vamos? Tem ainda a casa da tia Ermelinda em São Paulo. E você não sonhava em fazer Agronomia? É a chance, meu irmão. Quero estrada nova. Essa terra já conhece por demais minhas agonias, por isso já está esgotada, por isso já não se enche de verde. Desperançou. Olhe para mim. Não se encolha, se aprume. Mas se quiser chorar também pode. Sei que pai nunca te deixou sentir esses abalos nas carnes, nem por Francisco pudemos chorar como se deve. A terra exige de nós mais do que podemos dar, Gercino. Chore, não se encabule, não. Largue o cabo dessa enxada por um instante e desabe.

Não, Fia, não consigo ir embora, partir é morrer.

Gercino, partir é viver. Se a terra não vinga, nós mesmos havemos de ser terra e de ser fruto. Vamos embora comigo!

Não foi tua culpa! Não foi culpa tua! Todo mundo sabe, foi tocaia, tocaia grande, pra fazer desmoronar, demolir o último cômodo de nossa casa. Se você fugir desta terra vai carregar dentro de si uma chaga que nunca foi sua, daí a morte dela terá sido em vão.

A morte dela foi em vão. Morte gratuita, morte covarde, dos que abatem os inocentes para ferir os culpados. Eu

pedi a ela que viesse com a matula. Ela saiu de casa sozinha. Fui eu a mãe que mandou a filha para a tocaia dos lobos.

Não, minha irmã, se atente, eram tempos de paz. Glorinha era menina de aprumo, de coragem, fazia seu dever com alegria. Nunca conheci criança mais entendida nos cuidados. Não me esqueço de quando íamos atravessando o mato até o comércio da cidade e eu caí do baio bravo, que se assustou com o barulho da estrada e disparou, ela sozinha me acudiu. Colheu mentruz, fez emplastro, aprumou tala, e firmamos até o destino. Tinha uma proeza nas mãos e uma esperteza nos olhos que nunca vi igual. Não há dia que não me lembre. De manhãzinha ainda espero o chamado dela. “Tio, tá pronto seu café”. Sabia do meu gosto de café ralo e do teu gosto de café encorpado, por isso te chamava primeiro para depois me chamar por fim, quando botava mais água no coador, de modo que o frescor fosse igual. Sinto tanta a falta dela. Falta grande demais. Mas não se iluda, nossa gente nunca está segura, a crueldade está em toda parte, no Rio e no São Paulo as crianças são abatidas de uniforme branco, voltando da escola.

Gercino, se é escolha sua, você fique. Para mim, bastou. Sou culpada. Sou culpada de toda essa desgraça. Eu que devia zelar por ela, não ela por mim. Nunca te contei, mas naquela madrugada, antes da roça, sonhei com Chiquinho. Vestido de branco, sentado de frente pra uma mesa farta, mas nada comia, nada falava, parado feito pedra. Do lado

dele pai, também todo de branco, os dois de cara amarrada, uma mulher de cabelos brancos, que não reconheci, me chamava para se sentar junto deles. Chiquinho queria me dizer alguma coisa. Quando reparei na mesa, o banquete se transformava num caixão. Dentro dele minha menina, rodeada de jasmim-estrela, cheirando a dama-da-noite. Acordei chorando. Era um aviso. Eu não soube ler. Fiquei agoniada a manhã inteira com a visão de Glorinha naquele caixão, mas não disse nada, não fiz nada. Quando ouvi aquele estalo seco, o cheiro de pólvora veio à minha lembrança, eu já sabia, já sabia.

Agora sou eu que arruíno a terra com o sal. Não me faça desaguar. Eu lhe imploro, por pai, por Francisco, por Glorinha, por todos os mortos. Fique, Firminal!

“Aquele que leva a preciosa semente, andando e chorando, voltará com alegria, trazendo consigo seus feixes.” É o que também está escrito na tua Bíblia. Plantei nova semente, meu irmão. Estou carregando um broto dentro de mim. Tudo o que fiz até agora foi pelos nossos, mas só se vinga da morte com a vida, só se vinga da morte com a vida.

A sociedade secreta das Teresinhas

Isabela Moreira

ficção •

Você está cordialmente convidada para nossa reunião mensal. Nos vemos na primeira segunda-feira de maio, às 14h, na rua Vasconcelos, 82. Até lá!

Após ler o convite novamente, a mulher no banco de trás do táxi o usou como leque. Mal tinha tomado banho e já estava derretendo. Pegou um lenço na bolsa e secou a testa. Um primeiro cartão, tão vago como esse, apareceu em sua caixa de correio seis meses antes. Vencida pela solidão e pela curiosidade, decidiu ir. Mesmo se surpreendendo com o que encontrou, decidiu ficar.

Chegando na rua Vasconcelos, o taxista a olhou de relance pelo retrovisor e perguntou: “Esse número 82 onde a senhora vai é a casa da dona Teresinha e do seu Camargo da imobiliária?”. Ela disse que sim.

Um grupo de mulheres conversava na calçada em frente ao sobrado amarelo.

“Tá rolando festa? Ou a mulherada está se reunindo pra fofocar?”, provocou, ao estacionar o carro do outro lado da rua. A passageira não respondeu: entregou uma nota de vinte reais e atravessou a rua.

Cumprimentou algumas das mulheres com acenos e sorrisos. Uma delas estava um pouco afastada, fumando um cigarro encostada no muro da casa.

“Teresinha S.”, disse a fumante em tom monótono e sem olhar em sua direção. Desde o início fazia questão de tratá-la com frieza.

“Teresinha B., como vai?”

Teresinha B. deu de ombros: “Torcendo para sobrevivermos a mais uma reunião”.

Teresinha S. deu um suspiro. Ela também.

As quinze convidadas se sentaram ao redor da grande mesa de madeira da sala de estar. O ambiente era escuro e úmido, como o restante da casa. Teresinha Camargo sentou-se na ponta da mesa com o rosto sério e a postura de presidente do grupo. Trazia consigo o pinscher Zequinha, que vestia uma roupa listrada e um chapéu de marinheiro. Assim que o cachorro se ajeitou em seu colo, a dona da casa olhou para as convidadas.

“Queridas camaradas, sejam bem-vindas à reunião de maio da Sociedade Secreta das Teresinhas de Gardênia do Sul”, começou Teresinha Camargo. “Não somos apenas Teresas, Tês, Tetês e afins. Seja com S ou com Z, somos Teresinhas. Eles podem não saber, talvez nem consigam imaginar, mas quem manda somos nós. Juram cuidar da cidade e umas das outras?”

“Juramos”, respondeu o grupo em uníssono.

“Perfeito”, bateu levemente com um pequeno martelo de madeira na mesa. “Nossa vice-presidente, Teresinha B., irá nos apresentar o primeiro tópico de hoje.”

“Vamos começar com o pior primeiro.” A declaração de Teresinha B. foi recebida com suspiros de desânimo. “Chegou até nós a informação de que Tony Guerra quer abrir um bordel na entrada da cidade.”

“Que sujeitinho mais desgraçado!”, disse Teresinha Lima, uma veterana que não tinha paciência ou papas na língua. “Já lava um monte de dinheiro naquele posto de gasolina xexelento e agora quer mais.”

“Ele anda vendendo peças de carros roubados com o cunhado dele também, o tal de Juninho Campeão”, completou Teresinha Januário baixinho, como se estivesse contando um segredo.

As camaradas começaram a discutir entre si.

Teresinha Camargo bateu com o martelo na mesa. Silêncio.

“Fica claro que ele precisa ser impedido”, disse a líder. “Mas desde que movemos nossos pauzinhos para ele não conseguir comprar o terreno ao lado do posto, tem desconfiado de que há um complô contra ele na cidade.”

“Tá achando que é coisa da prefeitura”, interveio Teresinha Pereira, que trabalhava na Câmara Municipal. “Como se o prefeito tivesse capacidade ou força de vontade para fazer qualquer coisa.”

“Temos que agir com cautela”, apontou Teresinha Januário.

“Por mim, a gente contratava um cara para resolver o assunto logo”, declarou Teresinha Lima.

“Resolver o assunto?”, perguntou Teresinha S., ao que Teresinha Lima respondeu, empunhando uma faca imaginária e deslizando-a pelo pescoço.

“Você ainda tem aquele contato para esse tipo de serviço?”, Teresinha Camargo olhou para Teresinha Lima com uma expressão impassível. “Faz um orçamento com ele enquanto pensamos melhor sobre o assunto.”

“O próximo assunto na pauta é um pedido para entrar na nossa sociedade secreta”, revelou Teresinha Camargo. Ela colocou os óculos no rosto e, mirando o tablet, leu: “O nome da candidata é Teresa Gomes. Ela gosta de assistir a séries, estar com os amigos e a família e de jogar *Candy Crush* no celular”.

Houve um murmurinho de empolgação entre as Teresinhas da mesa.

“Teresa Gomes, pode entrar!”, pediu a líder do grupo.

A porta se abriu e a sala ficou em silêncio por alguns instantes antes de ser preenchida por cochichos. Aquilo era inédito: Teresa Gomes era uma criança.

“Sente-se na ponta, querida. Quer um pedaço de bolo de milho?”, quis saber Teresinha Camargo, como se nada estivesse acontecendo. Teresa Gomes agradeceu e pegou uma fatia.

“Bom, antes de qualquer coisa, temos algumas perguntas para você, tá bom, meu amor?” A menina fez que sim. “Então, vamos lá: como você ficou sabendo deste nosso grupinho?”

“Pela minha mãe. Ela sempre quis fazer parte dessas reuniões, só que o nome dela é Telma.”

“Entendi... Agora me diz, o que você acha do Roberto Carlos?”

As camaradas trocaram olhares entre si. Era uma pegadinha. Naquele quesito, a opinião era sempre favorável.

“É aquele cara bonitinho que faz vídeos engraçados na internet?”, perguntou Teresa Gomes, confusa.

O tempo fechou. As Teresinhas viram o semblante de Teresinha Camargo ir de simpático e receptivo a desgostoso. Ela era aficionada pelo Roberto Carlos. Tinha uma coleção de discos do rei e, no rack da sala de TV, uma foto

dele e um vaso com uma rosa, que era substituída toda semana.

“Infelizmente, não temos outras posições abertas por enquanto, mas se isso mudar, entraremos em contato com você. Obrigada pela presença, querida”, disse Teresinha Pereira, tentando reduzir os danos.

Teresa Gomes deu de ombros, entediada: “O bolo tava seco mesmo”.

O pinscher Zequinha deu um pulo no colo da dona e rosnou.

“Tirem essa menina da minha frente!”, ordenou Teresinha Camargo.

“Agora precisamos falar de um assunto muito sério.” E Teresinha Camargo fechou ainda mais a cara. “Essa é uma questão com a qual temos que lidar de tempos em tempos, mas não imaginei que fosse ter esse problema na atual formação do grupo.”

Teresinha B. olhou discretamente para Teresinha S., que afundou um pouco na cadeira.

“Descobri que nesta sala há alguém que se passa por Teresinha, mas tem outro nome”, continuou Teresinha Camargo. O pinscher Zequinha deu um latido curto e ardido.

Houve uma comoção na mesa.

“Não é possível.”

“Que absurdo!”

“Não vamos deixar mentirosas apodrecerem nosso grupo de dentro para fora”, declarou Teresinha Lima. “Precisamos tirar esse elemento daqui o mais rápido possível!”

Teresinha S. tomou um gole de café. Mantendo a calma, pensou em como, pelo menos, sem falar muito, tinha se divertido nessas reuniões, apesar de essas mulheres serem completamente malucas. Foi a primeira vez em anos que se sentiu útil da porta de casa para fora. Tinha conversas e afazeres que não eram sobre o marido ou as crianças. Foi bom enquanto durou.

“Essa é uma mentira que não podemos tolerar. Teresinha B., revele quem você realmente é. O grupo merece saber”, ordenou Teresinha Camargo.

Sem conseguir olhar para as camaradas, ela sussurrou: “Meu nome é Betina”.

“Inacreditável! Realmente inacreditável!”, exclamou Teresinha Lima.

O corpo da que chamavam de Teresinha S. relaxou na hora.

...ela parou no açougue para pegar as carnes da mistura da semana.

“Opal! Boa tarde, dona Salete”, disse o açougueiro ao vê-la.

“Oi, seu Jonas, meu pedido tá pronto?”, e deixou escapar um sorriso. Mesmo odiando o cheiro do açougue, estava de bom humor.

Desde que começou a ser confundida com uma tal de Teresinha Salles, as primeiras segundas-feiras do mês se tornaram seus dias favoritos. Tinha uma desculpa para passar uma tarde fora de casa e podia brincar de ser outra pessoa. Era empolgante. Nem quando teve um caso com o caixa da quitanda e, depois, com o irmão dele, sentiu tanta adrenalina assim. Um grupo de mulheres prontas para enaltecer ou acabar com alguém era muito mais divertido do que a vida doméstica jamais poderia ser.

Chegando em casa, guardou as carnes no congelador e pegou um panfleto preso por um ímã na geladeira. Naquela noite, pediriam pizza.

No banheiro, abriu a torneira para encher a banheira. Voltou ao quarto e, de dentro de uma caixa de sapatos escondida debaixo da cama, tirou um maço de cigarro, um cinzeiro e um isqueiro.

Ligou o radinho de pilha em uma estação qualquer, tirou as roupas, entrou na banheira e deu um trago no cigarro. Fechou os olhos. As primeiras notas de “Mulher de 40” começaram a tocar. “Ugh”, levantou e mudou de estação. “Sempre odiei o Roberto Carlos.”

Voltou para a banheira. Por mais meia hora, poderia ser quem ela quisesse.

Isabela Moreira (isamoreirabela@gmail.com) é natural do ABC paulista, jornalista formada pela Faculdade Cásper Líbero, com passagens por revistas como *Monet* e *Galileu*. Em 2021, se encontrou na ficção e, desde então, tem escrito sobre cidades pequenas e adolescentes confusos.

Um detalhe muito especial

Helô Reinert

• não ficção

Durante anos, me lembrei da tia Rosa de blusa vermelha no caixão. Com a mesma roupa da foto que ficava na sala da casa do bairro do Asilo, nosso terceiro endereço familiar. Ela, no dia do casamento do Valdirzinho, aparecia maquiada e com uma charmosa blusa escarlate que minha mãe tinha costurado para ela. Três pregas acompanhavam a linha de botões vertical. A gola era bicuda, mas arredondada nas pontas. Seus cabelos também estavam diferentes naquele dia. Depois de bobes, escova e muito laquê, foram armados e levemente puxados numa onda para o lado direito. Suas mãos de juntas grossas marcadas pela artrite repousavam sobre as pernas. Estava sorridente e colorida.

No dia a dia, tia Rosa usava sempre avental. Ela acordava cedo, tomava café, ligava o rádio no programa *Picape da Frigideira*, da Rádio Clube, no qual o lendário apresentador

Nelson Rosembrock, batia com uma colher numa panela cada vez que anunciava algo bombástico. Em dias de faxina, logo cedo, a panela de pressão começava a chiar, e o cheiro do louro misturado à costelinha e ao lombo defumados invadia o ambiente. Para mim, o principal ingrediente era o chuchu, que absorvia o sabor do caldo e ficava cremoso. Sempre ganhei uma metade.

Fui uma menina de sorte. Enquanto minha mãe aplicava diversas técnicas para que eu não notasse a presença do tempero que eu mais odiava, a tia Rosa me protegia e cozinhava T-U-D-O sem cebola para mim. No meu prato, a carne jamais encostou no arroz. Nunca houve um fio ardido de vinagre na minha cenoura ralada. Meus dois irmãos e minha irmã nunca sentiram ciúme. Segundo a minha mãe, ela me estragava.

“Rosa, olha que o que você está fazendo com essa guria.”

“Que é isso, Claudete? Ela é tão boazinha.”

Eu olhava com curiosidade para a tia Rosa porque ela não era de reclamar, um hábito péssimo dos Reinert. Era uma mulher comum do interior, mas, para mim, parecia muito criativa. Espantava gambás, matava cobra-coral quando sentia que era uma ameaça, plantava cheiro-verde, enterrava cascas de ovo, selecionava o lixo reservando o que fosse comestível para o porco que o vizinho criava. Adorava fazer chá pra tudo – dor de barriga, de cabeça e resfriado. Andava de bicicleta pelo bairro inteiro.

“Eluísia, queres ir a pé com a tia na semana que vem pra Velha Central?”

“Claro.”

Outra atividade da tia Rosa era cobrar o dízimo na casa dos fiéis, uma vez por mês. Muitas vezes fomos conhecer novas famílias, rever as de costume e andar pelas ruas empoeiradas do bairro da Velha Central, a uma hora de nossa casa. No final do dia, parávamos em alguma venda e experimentávamos um suspiro crocante, um copo de capilé de framboesa, um pastel folheado. Isso depois dos cafés e dos pedaços de bolo que não podíamos negar durante as visitas. Os excessos me deixavam com um enjoo que eu gostava de sentir.

Tia Rosa e as outras mulheres do clã Reinert se encontravam semanalmente na igreja para atualizar as fofocas da semana e comparavam seus cabelos, falavam dos salões do bairro e dos preços que aumentavam. Adoravam fazer uma permanente – um tema complexo porque meu pai reclamava que as irmãs exageravam na química e que os cachos ficavam muito apertados com um certo ar de ressecamento. Mas tia Clara, tia Verônica, tia Otília e tia Rosa não ligavam. Tia Leopoldina, que mantinha os cabelos lisos, ria.

“Ah, Valdia, estás por fora da moda”, dizia uma delas, gesticulando com a mão.

“Eu, não. Vocês que não acertam nessa permanente, ora, bolas.”

As irmãs Reinert tinham feito história no bairro da Velha. Integraram o primeiro grupo de mulheres operárias de Blumenau. Elas conquistaram o mercado de trabalho e a independência financeira. Todas trabalharam na companhia Hering, fundada na virada do século 19 como uma pequena tecelagem que produzia camisas de algodão, meias e ceroulas. As histórias do chão de fábrica não me atraíam. Para mim, a tia Rosa não era uma operária aposentada. Era uma mulher que fazia inúmeras coisas.

Dentre essas coisas, reforçar o orçamento como ajudante de minha mãe. Eu ficava aflita porque as duas costumavam sustentar a agulha na boca enquanto conversavam e cortavam a linha com os dentes. Tia Rosa era habilidosa nos acabamentos. Pregava botão e fazia bainhas enquanto minha mãe cortava, provava e costurava vestidos e tailleurs. A Singer frenética de Claudete não descansava. Muitas tardes passei em companhia das duas. Com elas eu soube que tinha aprendido a ler ao avançar para além da história da menina Lalá e seu cachorro Lulu, que eu sabia de cor, na cartilha da época.

Blumenau é uma cidade úmida. Durante o inverno, temos a sensação de que os ossos doem, e tia Rosa, muito friorenta, dormia com um xale enrolado na cabeça. Várias noites dormi a seu lado. Era muito quentinho. Quando foi construída a casa de alvenaria e passamos a dividir o cotidiano com minha tia e minha vó Maria, essa parte da festa

infantil já tinha acabado. A casa abrigava uma sinfonia adulta desafinada. Tia Rosa roncava, os adolescentes contribuía com a música rangendo os dentes. Alguns falavam durante a noite, com esparsos episódios de sonambulismo.

Minha família enfrentou vários revezes por conta das enchentes que tomaram o Vale do Itajaí a partir de 1984. Eu havia me mudado para Florianópolis naquele ano, mas meus LPs ficaram e sofreram um baque ao afundarem na água lamacenta. Quando voltei para casa, tia Rosa sugeriu que lavássemos os vinis com uma escovinha para ver se tinha jeito de salvá-los. “Stand by me”, de John Lennon, serviu de cobaia. Fracassamos.

Outro episódio que pegou todo mundo de surpresa envolveu a tia Otília, que ligou gritando por socorro numa noite chuvosa. Ela estava sozinha e a água a um passo de atingir sua casa. Eu, meu pai e meus irmãos fomos ajudá-la. Deu tudo certo com a tia, mas quando voltamos ficamos boquiabertos. A água tinha entrado em nossa casa e minha mãe, minha irmã Rosana e tia Rosa se salvaram do redemoinho ao se agarrarem na pilastra da cozinha.

“A enxurrada foi uma loucura”, disse minha mãe, chorando.

“Tudo xirando dentro de casa, Valdia”, descreveu tia Rosa.

No dia seguinte, a lenga-lenga ao tirar a lama, lavar e pôr tudo para secar. Acho que os móveis de minha casa eram

bem fortes porque minha mãe nunca jogou nada fora. Até a cozinha de fórmica branca resistiu aos sustos. As madeiras recebiam banhos consecutivos com um óleo que tinha no rótulo a cabeça de um índio com cocar.

Por essas e outras, surgiu a Oktoberfest. A ideia era levantar a moral e reforçar a imagem do blumenauense como um povo trabalhador, que se recupera em qualquer situação e volta a se divertir. Minhas tias adoraram e viraram arroz de festa. Dançavam em par com elas mesmas, bebiam chopp em canecos de cerâmica e convidavam quem passasse para rodopiar com elas. Aos poucos, o sotaque alemão como o da tia Rosa, que antes era motivo de piada, ficou mais forte e virou motivo de orgulho.

Dois episódios abalaram a saúde da tia Rosa. O primeiro foi uma queda da goiabeira nos fundos da nossa casa. O pé estava carregado e ela, com pose de atleta, se agarrou no tronco para subir. Conseguiu vencer a primeira etapa, mas escorregou e o tronco liso da goiabeira não ofereceu resistência. As costas da tia Rosa ganharam um calombo, se entortaram e ela foi encolhendo. Outro movimento perigoso acontecia. A pressão começou a subir e placas de gordura se formaram em suas artérias coronárias.

O sistema vascular é formado pelo coração e por vários vasos sanguíneos que são uma espécie de tubulação fechada encarregada de fazer o que não vemos, apenas sentimos. O coração bate de maneira rítmica e alterna contração e

relaxamento. Precisa de fluxo constante. Na sístole, o sangue é bombeado e, na diástole, as cavidades do coração são banhadas por ele. Encravado na cavidade torácica e protegido pelo osso esterno, o órgão se acomoda de certa forma sobre o diafragma. Existe uma matemática precisa que possibilita que as trocas aconteçam e o oxigênio circule. Tum, tum!

No dia 13 de março de 1995, a bomba já imperfeita da tia Rosa pifou e ela teve um ataque cardíaco fulminante enquanto tomava o café da manhã. Caiu no chão da cozinha. Deve ter gritado. Quando meu irmão caçula entrou em casa, o corpo da tia Rosa ainda estava quente. Eduardo acionou a ambulância enquanto minha mãe, com as mãos na cabeça, perguntava desesperada o que aconteceu, meu Deus! Ela me ligou logo.

“Isinha, eu tenho uma coisa muito triste pra te contar. A tia Rosa acabou de morrer.”

Despenquei de São Paulo para Blumenau desnorteada. Em três horas e meia cheguei ao salão da igreja do bairro do Asilo. Tia Rosa estava esticada no caixão. Com a corcunda escondida, parecia mais alta. Não a vi agonizada. Só estava pálida. O nariz aparentava ser um pouco maior do que era na verdade. Na minha cabeça, sempre esteve com a blusa vermelha da foto na sala de casa. Eduardo disse que não. Ele viu os restos dela na sepultura muito tempo depois. A blusa estava intacta e era estampadinha com

pequenas flores salpicadas num gramado azul-claro. Me dei conta de que era a peça da roupa que ela mandara fazer para meu casamento, que aconteceu em São Paulo, uma semana depois da sua morte.

Helô Reinert (heloreinert@gmail.com) é formada em Comunicação Social com habilitação em Jornalismo pela UFSC. Fez mestrado em Ciência Política pelo Instituto de Altos Estudos Sociais (Unsam), Argentina. Foi repórter em impressos, produtora e editora de TV, e trabalha com divulgação científica.

Cara de terapia

Julia Santalucia

ficção •

Essa sala tem cheiro do sofá de casa quando o Lázaro não toma banho. Acho que você podia pedir pra moça que te ajuda a limpar aqui caprichar um pouco mais. Hum... Não sei o que você quer que eu conte. Tá tudo igual, sei lá. Meus pais? Eu não fico vendo como meu pai e minha mãe estão. Eles sempre são um pai e uma mãe fazendo coisas de pai e mãe. Minha mãe acorda a gente às vezes com um beijo na testa, às vezes puxando a coberta e abrindo a janela bem rápido. Ah, ela também tem uma técnica de jogar o Lázaro na cama, pra ele lamber nossa cara até a gente acordar. A Chica demora mais e eu, por ser “a mais velha”, tenho que dar o exemplo, minha mãe fica repetindo isso e eu acho um saco, mas acabo fazendo. Enquanto eu me levanto e vou no banheiro escovar os dentes, meu pai está fazendo o café. Meu pai adora cozinhar umas panquecas de banana, as melhores do mundo. Tem dia que ele faz desenho dos olhos

e da boca com chocolate. Eu desço, tomo o café, não o café mesmo, porque a minha mãe não deixa, mas leite com chocolate, a panqueca, e a Chica fica jogando pedaços de panqueca em mim pra me irritar. É, se bem que não lembro qual foi a última vez que meu pai fez panqueca com carinho. Mas eu não ligo, já sou grande pra panqueca de carinho. No dia em que tenho dobradinha de geografia na escola, que é terça, meu pai sai mais cedo, porque é o dia que o chefe dele vem do Rio de Janeiro pra ver se as pessoas trabalham. É o que ele diz, vou ter que ir pro escritório mostrar pro meu chefe que eu trabalho. Minha mãe dá aula de ioga na casinha que fica atrás do quintal, é pra lá que ela leva os alunos. Tem um monte de coisa ali, umas bolas grandes, uma cama dura, tapetes coloridos, já tentei fazer aula, mas acho que minha mãe não gosta de ter eu e a Chica lá, porque é o ambiente de trabalho, o único espaço que é só dela na casa, ela fala mil vezes. Eu gosto mesmo é de ficar na praça, porque o Lázaro brinca com o Catarro e o Robson, os pugs da Ciba, a vizinha da casa amarela. A Ciba é muito engraçada, ela é de outro lugar, nunca sei se é do Peru, Bolívia ou Chile. Sei que tudo é na América do Sul, o profe de geografia fica repetindo como é importante saber o mapa, ainda mais os países que estão perto da gente, é engraçado como ele fala muito mal dos países que estão longe, da Espanha, por exemplo. Nunca fui pra lá, então não tenho opinião. A família inteira ia fazer uma viagem nas férias de julho, minha irmã e eu escolhemos

os passeios, Portugal era o país, mas aí minha mãe disse faz umas três semanas que a gente não vai mais. Talvez tenha algo a ver com as brigas deles na sala enquanto a Chica ronca mais que o Catarro e eu finjo que estou dormindo. Não gosto de ficar ouvindo conversa, não sou fofoqueira, odeio que me chamem de fofoqueira, mas como ninguém me contava a verdade, eu tentava descobrir. Fala baixo que você vai acordar as meninas; Você já sabe o que quer; Vinte anos jogados no lixo; Eu podia ter aceitado aquele trabalho na Índia; Você tá com outra pessoa?; Puta que pariu, Rodrigo, você é um egoísta do caralho. Minha parte favorita de acompanhar essas brigas é que eu escuto eles falando um monte de palavrão. É insuportável não poder falar palavrão na frente deles. Por que eles falam que é errado, e quando estão só os dois soltam um monte? Meu palavrão favorito é caralho. Não pelo que quer dizer, mas porque gosto do jeito como a boca abre muito grande e depois fecha. Ca-ra-lho. Mas eu não falo isso na frente de ninguém, só da Joice, porque a mãe dela é a pessoa mais legal da vila, a Ciba, já falei dela aqui, né? Nossa, ela é muito legal, só usa uns vestidos coloridos, umas penas na orelha, e a Joice fala caralho na frente dela, até a Ciba fala caralho, e porra, e outros palavrões na língua dela que eu não vou saber falar aqui. Se eu tô triste porque não vou pra Portugal? Sim, eu acho, sei lá, não fico pensando nisso. Mas minha mãe falou que a gente vai nas férias de julho do ano que vem, vamos até chamar minha

prima, acho que vai ser legal. Mas vai demorar muito tempo e até lá vou continuar vendo minha mãe fingir que não tá chorando enquanto faz o macarrão no jantar e meu pai liga pra gente e diz que está com saudade, mas está numa viagem a trabalho, porque agora, além de ir pro escritório mostrar que ele trabalha, ele precisa ir até o Rio de Janeiro, e que no sábado ele vem buscar a gente pra ir pro parque e não sei mais o que ele diz porque eu não presto atenção, acho um saco ter que ficar falando por telefone. Não lembro quando foi, acho que faz umas duas terças, meus pais entraram no quarto à noite, os dois juntos, sempre acho esquisito quando os dois entram no quarto juntos, e aí meu pai disse que amava muito a gente e a mamãe, e que a gente continuava sendo uma família, mas agora tínhamos duas casas, e que na casa dele ia ter um quarto bem bonito, do jeito que a gente quisesse, e um monte de outras coisas que não consegui prestar atenção porque a Chica não parava de chorar. Eu sei porque estou aqui, minha mãe falou que ia ser um momento difícil e que eu precisava de apoio, mas é só estranho pra mim, porque não te conheço de nenhum lugar, você parece um pouco com a Joana, a profe de matemática, mas acho que é por causa dos óculos, e você fala pouco também, não sei se estou falando o que era pra eu falar, mas aí você faz assim com a cabeça e eu acho que estou falando o que é pra falar, então eu continuo. Minha mãe achou que eu ia chorar um monte nessa terapia, porque ela volta da terapia sempre com a cara

superinchada, e dá a desculpa que está com alergia ao pó, fala mal da Cida, que ajuda na limpeza, mas eu sei que ela tem terapia e eu sei que essa é a cara de terapia dela. É, se bem que nos últimos tempos ela tem voltado todo dia pra casa com essa cara de terapia, mas acho que é porque ela tá muito triste mesmo, a Chica também, meu pai disse que ele também. Mas não sei se eu tô. Claro que eu queria panqueca de banana todo dia de manhã, minha mãe faz umas panquecas muito ruins mesmo, ficam com gosto de ovo e odeio ovo, e é claro que eu gostava de jogar videogame com meu pai quando ele deixava. Mas não chorei, pelo menos não ainda. E quando a gente tá triste, a gente deveria chorar, né, é o que vejo as pessoas fazendo e aí fico pensando que talvez não esteja tão triste assim. Meu pai vai buscar a gente hoje depois do trabalho, vamos conhecer a casa nova, ele disse que tem presente pra gente. Aproveitei que estava todo mundo triste pra pedir um celular que dobra, espero que meu pai tenha comprado um cinza-escuro, igual ao que mostrei pra ele. Que horas acaba isso aqui? Nossa, ainda tem muito tempo... Talvez eu devesse chorar pra passar mais rápido. Tô brincando, não consigo forçar o choro assim. Só na peça da Branca de Neve, que eu fui escolhida pra ser a princesa e ela precisava chorar numa cena. Gosto de fingir que choro como gosto de falar palavrão. Quando meu pai falou que a gente ia ter duas casas eu achei legal, mais pela novidade mesmo. Mas é claro que fico triste vendo minha mãe

com cara de terapia toda hora. E é um saco a cadeira que meu pai sentava na mesa ficar vazia, e nunca ninguém sentar lá ou falar que sente saudade, só a Chica, mas ela chora tanto e por tantos motivos que não dá pra saber se ela tá entendendo alguma coisa ou se só quer chamar atenção. Se eu entendo? Ah, acho que sim. A Ciba se separou do Ignacio também, a Joice me contou um dia. É supernormal ter pais separados, ela fala, e acaba sendo legal porque quando você está de saco cheio de um tem o outro numa casa diferente. Me lembrei agora de uma coisa que não contei pra ninguém. A Ciba já teve outros namorados, isso é superesquisito, meio nojento a Joice disse, porque um dia ela pegou a mãe dela beijando super de língua um cara, um argentino que fedia a empanadas, e aí a Joice saiu correndo pra não ver mais porque na calça dele tinha alguma coisa levantada, dava pra ver pelo short amarelo, e que a mãe segurava por fora do short e ficava apertando, e nossa, é nojento só de contar, imagina de ver. Eu sei o que era. Uma vez desci pra pegar água e minha mãe estava apoiada na bancada da cozinha com meu pai abraçando ela por trás, foi superestranho, eles ficavam se mexendo de um jeito esquisito, parecia que estavam dançando mas sem música e sempre o mesmo passo, minha mãe ficando na pontinha do pé e indo pra baixo, e meu pai ia pra frente e pra trás com a cintura, mas ainda bem que não deu pra ver se ele tinha algo levantado na calça. Não sou a Chica que ainda acredita na cegonha, é óbvio que eu já sei como

um homem e uma mulher namoram, mas ainda acho meio nojento, até porque nunca namorei, nem tive vontade. A Joice já namorou o Betinho, mas ela disse que eles só deram uns selinhos, acho que uma vez ela tentou enfiar a língua na boca dele como a Ciba enfiou no argentino que fedia a empadas, mas o Betinho não sabia o que fazer então fechou a boca rápido e mordeu a língua dela sem querer e doeu. Eu nunca dei um beijo de língua. Com o Gian foi só um selinho mais demorado, mas a gente nem namorou, logo depois ele se mudou e a gente nunca mais se viu. Nossa, já? Passou rápido esse final. Aham, eu sei, semana que vem mesmo horário. Eu sou conhecida lá na vila por falar bastante, a Ciba me chama de parlanchina, acho engraçado mas prefiro a palavra tagarela. Minha mãe já deve estar na porta, ela sempre chega antes pra me buscar, e acho que hoje ela está curiosa pra saber como foi aqui, não parou de falar como era importante soltar os sentimentos e... É, não foi tão difícil assim, minha boca tá até seca. Quero, sim, gelada, obrigada. Olha, se ainda der tempo de falar uma verdade verdadeira... Eu não queria nada conhecer a casa nova do meu pai hoje.

Tio Zezé foi responsável por escolher o nome de cada um dos sobrinhos, filhos da irmã Graça. A principal inspiração foi uma enciclopédia que encomendou da França. O mais velho foi chamado de Marcos Antônio, homenagem ao general romano. O “s” a mais ficou por conta do escrevente na hora do registro. Cerca de um ano depois, nasceu Aristóteles José. O primeiro nome do menino foi inspirado no filósofo grego. O segundo, uma homenagem do tio Zezé a si mesmo. Com quatro anos de diferença de Marcos, chegou Hércules. Este foi um brinde ao Olimpo.

Quando Graça entrou em trabalho de parto do quarto filho, já moravam na fazenda no interior do Goiás. Chamaram a parteira de Itumbiara, cidade mais próxima. Silvério, rapaz que trabalhava no plantio de tomate com o pai das crianças, seu Osmar, foi incumbido de ficar com os três meninos do lado de fora da casa.

Marcos tinha oito anos e, pela primeira vez, sentiu curiosidade de saber como seu irmão chegaria ao mundo. Silvério tentava entreter os garotos mostrando as fotos dos jogadores brasileiros que disputariam a Copa do Mundo naquele ano. Tio Zezé tinha comprado um jornal que trazia os rostos dos atletas em preto e branco. Pelé, Didi, Vavá, Zagallo.

– Silvério, como vamos saber a hora que meu irmão chegar?

– Olha pro céu, menino. Quando a cegonha passar, é porque ele nasceu.

Tio Zezé já tinha mostrado as aves na enciclopédia para os meninos. Marcos procurou na memória e ficou um pouco em dúvida sobre qual era a cegonha. Tinha uma ave bem grande, preta e branca, que era símbolo de prosperidade. Outra que sentia cheiro de morte. E uma que vivia em cidades maiores e gostava de farelo de pão. Não sabia dizer qual era o nome de cada uma. Ficou com vergonha de perguntar e pensou que saberia, na hora que a cegonha viesse, que a hora tinha chegado.

Marcos e Aristóteles já tinham decorado grande parte dos nomes dos jogadores da seleção, e nada da cegonha passar. Marcos viu uma galinha caminhando. Galinha com certeza não é cegonha. Eles estavam sentados nos degraus que davam na porta principal da casa, mais ou menos a uns dez passos do galinheiro.

Então, a parteira saiu da casa. Ela estava segurando um pote de azeitonas. Eram azeitonas carnudas, de caroço grande, que ficavam na bancada da cozinha. A mulher se sentou com eles. Fez força para tirar a tampa. Girou para um lado, girou para o outro. Finalmente, abriu o pote. Enfiou a mão, pescou a primeira azeitona e passou a comê-la. Não ofereceu a ninguém.

– Vai demorar, né? – perguntou Silvério.

– Vai ver não nasce nem hoje – respondeu a parteira de boca cheia.

Enquanto os garotos recitavam nomes de jogadores, ela largava os caroços no piso feito de cacos de tijolo cor de terra. Hércules já chorava. Marcos e Aristóteles começaram a se bater. Silvério pegou os caroços babados e montou a escalação da seleção posicionada em campo. Cada um era um jogador. Como a parteira não ofereceu nenhuma azeitona para ele, ele também não pediu permissão para ficar com os caroços.

Quando a parteira entrou de novo na casa, os meninos e Silvério já disputavam uma espécie de futebol de botão com os caroços. Deitaram o pote vazio que só tinha um resquinho de líquido esverdeado no fundo. O objetivo era dar petelecos nos caroços espalhados no chão e acertar na boca do recipiente, virado para eles.

O placar era de dezenove caroços a zero para Silvério quando Marcos gritou:

– A cegonha! A cegonha!

Aristóteles logo corrigiu o irmão:

– Acho que é uma pomba, Marcos.

Neste exato instante, a parteira abriu a porta novamente passando por cima de todos os caroços e chutando o pote que saiu rolando até a grama.

– Nasceu! É uma menina.

Marcos sorriu para Aristóteles:

– Eu te disse que era a cegonha.

Os três meninos correram para dentro da casa e encontraram Tio Zezé parado na porta do quarto de Dona Graça.

– Venham conhecer a sua irmã. Para ela, dei o nome de suas avós. Maria de Lourdes.

Semanas depois, saíram todos rumo à igreja para batizar a menina. Zezé dirigia a caminhonete com a irmã Graça a seu lado, carregando Maria de Lourdes. A menina vestia um macacão branco, que já havia sido usado pelos irmãos. No banco de trás, seu Osmar vinha com Hércules no colo e os outros dois filhos sentados a seu lado.

– Bença, padre!

– Deus te abençoe, seu Osmar! Vejo que está ampliando a família. Quem sabe, um dia o senhor me alcança. Como o senhor sabe, já parei.

O padre Jorge tinha oito filhos. Como ele insistia em contar, foram concebidos antes do seminário e sempre com a mesma mulher. Foi justo o milagre que fez com que a esposa sobrevivesse ao oitavo parto, depois de uma hemorragia, que o levou à batina. Ele prometeu que se tivesse a mulher viva faria o voto de celibato, estudaria e se tornaria padre.

Para a cidade, também tinha ganho. O povo andava cansado de dirigir até Itumbiara toda semana para ir ver a missa. É verdade que padre rodeado de filhos não é o ideal. Mas, compensava os quilômetros que deixariam de rodar aos domingos.

– Pois bem, quem será o padrinho? Zezé novamente?

– Dessa vez, Sebastião da Colina aceitou! Ele já está chegando – disse seu Osmar, bastante orgulhoso.

Sebastião da Colina era o proprietário da fazenda onde seu Osmar morava e trabalhava. Um homem de muitas posses. Certamente, daria um bom presente para Lourdes.

Só que Sebastião não chegava. E o padre precisava ir almoçar com os filhos.

– Se for demorar demais, talvez a gente possa batizar em outro dia.

– Será, padre Jorge? Vai que Deus toma isso como desfeita – disse Dona Graça, fazendo três vezes o sinal da cruz.

– Deus tá vendo a boa intenção sua e de seu Osmar. Minha molecada está me esperando e o macarrão vai esfriar – disse o padre, já recolhendo as coisas.

Seu Osmar insistia por uma questão mais mundana. Sebastião sempre deu ótimos presentes a seus afilhados. E não eram poucos: o filho do padeiro, do marceneiro, da modista e da professora da cidade.

– E tem outra coisa: seu Sebastião disse que podia hoje, né? Vai que ele não pode na próxima vez, vira e mexe ele vai para a capital – lembrou seu Osmar.

– Eu pego a caminhonete e dou um pulo lá no Sebastião. Vou ver o que está acontecendo. Vou e volto num instante – propôs Zezé, para resolver a questão.

Só que o problema aumentou. Nada de Sebastião da Colina. E nada de Zezé, que não voltava mais.

– Seu Osmar, não consigo mesmo esperar mais. Fica para amanhã, tá bom?

Aristóteles e Hércules já dormiam em um banco da igreja. Marcos enfileirava os caroços que tinha guardado no bolso e organizava sua seleção embaixo da imagem de Jesus Cristo.

– Seu padre, consegue esperar mais cinco minutinhos? – pediu Dona Graça, a menina pendurada no peito.

– Dona Graça, sabe o que a gente pode fazer? A gente pode usar um padrinho por procuração. Hoje, a gente arranja alguém para batizar a menina. Depois, vocês voltam com o padrinho certo e a gente faz a troca perante Deus, pode ser?

– E tem isso mesmo? – se surpreendeu Dona Graça.

– Vixi, acontece com frequência! Vamos assim? Quem pode ser?

Como Zezé não estava mais ali para ser padrinho por procuração, Dona Graça olhou ao redor e decidiu:

– Marcos Antônio, você vai batizar sua irmã, largue esses carços.

O menino não sabia segurar a irmã no colo. Meio atrapalhado, com as mãos cheirando a azeitonas, conduziu a bebê até a pia batismal. A cabeça dela pendia para trás, mole.

– Marcos, faça um pensamento bom para ela, para Nosso Senhor Jesus Cristo – orientou o padre, antes de começar a rezar o Pai Nosso.

– Gol do Pelé, Brasil campeão da Copa do Mundo, acertar a azeitona dentro do pote – sussurrou Marcos Antônio.

Voltaram para casa. Encontraram Zezé amarrando um boi do lado de fora. Presente do Sebastião para a menina. Ele não poderia ir, mas mandou essa lembrança.

Marcos Antônio nunca foi substituído na função de padrinho. O Brasil foi campeão da Copa do Mundo naquele ano.

A professora de matemática

Caio Zerbini

ficção •

Como fazia todos os dias depois da aula, Marcel mascarava chiclete enquanto esperava o ônibus na praça em frente à escola. O 43, que em geral demorava muito mais que o seu 72, dobrou a esquina e encostou no ponto. Subiram um casal de idosos e alunos da escola. O 72 veio logo atrás. Marcel mancou até a pequena fila que se formou à espera da sonora abertura de portas, e assim que entrou passou logo pela catraca e dirigiu-se ao fundo, onde se acomodou no assento mais próximo da saída. Era terça-feira, e como toda terça-feira, não seguiria até o ponto final, que ficava a duas quadras de sua casa; desceria só dois pontos adiante, em frente ao prédio da professora de matemática, onde teria mais uma de suas aulas particulares. Num dia normal, iria a pé, mas como sofrera uma maldosa entrada na aula de educação física, achou por bem pegar o ônibus. O tornozelo doía e estava um

pouco inchado, mas Marcel odiava criar caso por pequenos contratempos como aquele. Não gostava de dar trabalho ou chamar atenção, e sobretudo não gostava de quebrar a rotina, ainda mais numa terça, dia da aula particular de matemática, e, portanto, seu dia preferido da semana.

Desceu do ônibus e caminhou até a porta do prédio, onde anunciou sua chegada ao porteiro. Enquanto esperava, dobrou o joelho e segurou o pé esquerdo por trás das costas, fazendo movimentos circulares e testando o tornozelo. Já não doía tanto, percebeu aliviado; talvez pudesse jogar bola no fim de semana.

A trava eletrônica cedeu e Marcel entrou, seguindo o caminho de pedras que atravessava o gramado forrado de primaveras amarelas. Enquanto subia, observou-se quase grudado ao espelho do elevador. Não era vaidoso, mas ficou feliz por sentir-se bonito. Raspou os dentes da frente com a unha, mais pelo prazer do que por higiene, e porque sabia que ali não havia câmeras.

A brusca desaceleração fez com que ele se virasse. Após o suave movimento final de parada e a abertura automática da porta de metal, empurrou a de madeira sem pressa. A luz baixa do *hall* e o suave aroma do *pot-pourri* massagearam seu cérebro.

A porta estava entreaberta.

“Com licença”, disse Marcel, quase para si mesmo, depois de dar duas batidinhas pelo lado de dentro.

“Pode entrar, já vou!”, gritou a professora do corredor que leva aos quartos.

Marcel fechou a porta e atravessou a sempre arrumada sala de visitas. Ao sentar-se na cabeceira da mesa, pegou o caderno, a pasta e o estojo, que pôs em cima da mesa, e largou a mochila a seu lado. Tirou da pasta a lista de exercícios sobre polinômios, que fizera como dever de casa.

“Oi, Marcel. Tudo bem, querido?”, disse a professora, surgindo pelo corredor, triunfante como uma modelo na passarela. Usava um leve vestido florido e tamancos cor de pérola. Como sempre, sua fala e andar transpiravam pressa e confiança.

“Vai separando o material que vou pegar alguma coisa para comer. Você já almoçou?”, gritou a professora, já de dentro da cozinha.

“Já, obrigado”, mentiu Marcel, como sempre fazia diante da pergunta que se repetia todas as terças.

O cardápio do dia era uma torta salgada com um recheio branco e verde indefinido, que exalava um perfume de tempero de ervas. Para beber, chá gelado numa garrafa de vidro espesso.

“Muito bem, você teve alguma dificuldade com os exercícios?”, começou a professora, entre uma garfada e um gole.

“Não, foi tranquilo. Os últimos foram mais complicados, mas quando saquei o método de pôr as equações nas fórmulas, deu tudo certo.”

“Ótimo, se os resultados bateram, vamos em frente, para a parte de geometria analítica.”

Marcel gostava mais de álgebra do que de geometria, mas para sua alegria a matéria revelou-se mais interessante do que ele imaginava. Achou curiosa a resolução dos problemas com o uso de postulados – sentiu-se numa aula de direito. Gostou, sobretudo, de como a professora os demonstrou, com desenhos precisos e delicados. Marcel encantava-se com as retas que ela traçava, tão perfeitas, mesmo sem usar régua. Admirava também o jeito que ela pegava na lapiseira para desenhar, e como, num movimento habilidoso, mudava a empunhadura para escrever.

Às duas e meia em ponto, a professora passou o dever de casa e encerrou a aula. Enquanto Marcel guardava o material, ela levou a louça suja à cozinha e sentou-se de volta à mesa. Cruzou as pernas e ficou observando as unhas das mãos uma a uma. O esmalte cor-de-rosa fosco estava todo descascado, mas ela parecia não se importar. Sem levantar a cabeça, retomou a conversa.

“Querido, você está com pressa? Quer ver a coleção de livros que herdei do meu pai? Arrumei nesse fim de semana...”

Marcel abriu e fechou o zíper da mochila duas vezes enquanto tentava em vão refletir sobre o inesperado convite. Por fim, respondeu com a maior naturalidade:

“Claro, adoraria.”

“Que bom, Pedro e Humberto não dão muita bola para livros, e eu estava louca para me exhibir”, disse a professora, soltando em seguida uma tímida e involuntária risada.

Marcel deixou a mochila sobre a mesa e atravessou a sala seguindo o andar marcado da professora. No corredor escuro e estreito, a professora fez uma breve pausa, durante a qual indicou o banheiro no lado esquerdo e o quarto de Pedro no direito. O primeiro era nada mais que um cubículo apertado e sem janela, forrado de azulejos brancos, com uma toalha estendida sobre um box transparente e uma pia pequena e emporcalhada. O quarto do filho tinha móveis feitos sob medida, muita coisa espalhada pelo chão e sobre a escrivaninha e um pôster de basquete na parede. Ao entrar na segunda porta à direita, a professora apontou sem entusiasmo seu quarto ao fim do corredor, no qual, de onde estavam, só era possível ver um espelho.

“Esta é a sala de TV”, disse a professora. “Eu mesma nem vejo TV, mas é assim que chamamos.”

Era um cômodo pequeno mas bem ajeitado, iluminado por uma janela ampla. À direita e atrás dos dois, encostados à parede, uma poltrona e um sofá de dois lugares formavam um L, em frente ao qual um pufe comprido fazia as vezes de mesa de centro e apoio de pés, imaginou Marcel. Na parede à frente, a mesma da janela, escancarava-se um móvel com uma desproporcional TV de plasma e alguns aparelhos eletrônicos. No lado esquerdo, uma bonita estante de madeira exibia a coleção de livros da professora.

“Aqui está”, disse ela. “O marceneiro desenhou especialmente para essa parede, e trouxe na sexta-feira”, prosseguiu, sorrindo, sem desviar os olhos ao interlocutor. “Tirei os livros das caixas no fim de semana e fiquei arrumando e folheando um por um.”

“Ficou ótima”, disse Marcel. “Mesmo cheia de livros, não parece ocupar espaço algum”, concluiu, feliz por ter dito exatamente o que via de mais meritório no objeto “estante”, ainda que sua análise pudesse ter soado um bocado tola.

“Foi exatamente o que eu pretendia, pois a sala é pequena, e tive medo que os homens chiassem. Você gostou da madeira rajada?”, perguntou a professora, agora olhando dentro dos olhos de seu aluno.

“É linda”, respondeu Marcel. “Agora me fale mais sobre os livros”.

“São apenas alguns que selecionei na enorme biblioteca do papai, o resto resolvemos doar às escolas de Guaxupé”.

“Hum, legal...”

Seguiram-se alguns segundos de silêncio, que Marcel interrompeu com uma pergunta que considerou mais inevitável do que indiscreta:

“Quando seu pai morreu?”

“Faz doze dias”, respondeu a professora, num tom carinhoso, como se fosse o aluno que tivesse que ser consolado.

“Nossa”, disse ele, surpreso, “a gente teve aula na semana passada e você nem falou nada”.

“Pois é, não estava muito disposta, tinha acabado de chegar do enterro em Minas, e resolvi esperar para falar hoje”, continuou ela, contendo o choro. “Ele estava em estado vegetativo há três anos, tinha Alzheimer há quase sete.”

Depois de alguns instantes de silêncio, ela prosseguiu:

“Queríamos que esse dia chegasse, pois todo mundo, inclusive ele...”.

A professora interrompeu-se subitamente; com o olhar vago, parecia refletir sobre o que queria dizer. Uma lágrima escorreu de seu olho e contornou o nariz.

“Já venho”, disse, por fim, e dirigiu-se ao banheiro do outro lado do corredor, fechando cuidadosamente a porta às suas costas.

Sozinho na sala de TV, Marcel aproximou-se da estante e, sentado de pernas cruzadas, tirou da segunda prateleira um dos livros de capa dura marrom que formavam uma coleção de cerca de dez volumes. Percebeu tratar-se da obra, quem sabe completa, de Graciliano Ramos. O volume que tinha nas mãos, cuja bonita capa, idêntica às de todos os outros, estampava uma ilustração estilizada de um retirante e seu cachorro, chamava-se *Infância*. Do autor, Marcel só lera *São Bernardo*, como tarefa escolar, e gostara muito. Abriu o livro e começou a ler o prefácio.

“Essa coleção é uma das que mais gosto”, irrompeu a professora, entrando na sala. Sentou-se ao lado do aluno apoiando-se sobre os joelhos.

“Marcel, eu gostaria de te dar um presente”, disse, enquanto tirava da estante um volume azul, com motivos árabes na capa, e entregava a ele.

Depois de ler o título, *O homem que calculava*, Marcel virou a capa e, notando uma dedicatória antiga, escrita numa letra de mão que beirava a perfeição, fechou-a de novo. Antes que pudesse agradecer, a professora tomou-lhe o livro das mãos, sentou-se no sofá e começou a escrever na folha de rosto outra dedicatória, bem abaixo da que Marcel há pouco espiara. Antes de terminar de escrever, os olhos da professora já estavam carregados de novo, e quando começou a falar as lágrimas deslizaram pelo rosto sem piedade. Dessa vez, ela não se preocupou em enxugá-las.

“Meu pai me deu esse livro quando eu tinha sua idade.”

Ela parou um instante; suspirou profundamente.

“Ele foi um bocado determinante na minha vida. O Pedro não quer nem saber de matemática, nem de livros, não é a dele.” Nova pausa, novo suspiro. “Espero que você goste, e se for para o seu bem, que seja determinante na sua vida também.”

Foi só no ônibus, a caminho de casa, que Marcel tirou o presente da mochila e leu as dedicatórias (a da professora para ele, e a do pai da professora para ela). Ao terminar, olhou pela janela e, fundido à cidade, que passava veloz e indiferente, viu seu rosto refletido no vidro. Reparou em cada

detalhe: as bochechas largas, o nariz fino, o queixo pontudo; a pele clara cheia de sardinhas e os olhos verdes castigados e profundos. Desde o fatídico acidente, há três anos, não se recordava da mãe com tanta ternura.

Caio Zerbini (czerbini@gmail.com) é formado em Administração pela FEA/USP e em Rádio e TV pela FAAP. Trabalha como diretor, editor e roteirista de vídeo. É autor do livro infantil *O tio mais oito* (Editora Caixote, 2021) e do romance *Leyen* (Editora Quelônio, 2022).



INSTITUTO
VERACRUZ